

Academia Militar

Direcção de Ensino

Curso de Infantaria

Trabalho de Investigação Aplicada

O Atirador Sniper nas Áreas Edificadas

Autor – Aspirante Aluno de Infantaria José Moreira

Orientador – Tenente-Coronel de Infantaria Victor Cipriano

Lamego, Agosto de 2008



Academia Militar

Direcção de Ensino

Curso de Infantaria

Trabalho de Investigação Aplicada

O Atirador Sniper nas Áreas Edificadas

Autor – Aspirante Aluno de Infantaria José Moreira

Orientador – Tenente-Coronel de Infantaria Victor Cipriano

Lamego, Agosto de 2008

Aproveito esta oportunidade para dedicar o trabalho aos meus pais, à minha namorada e aos meus amigos que sempre me apoiaram, ao longo do curso.

Agradecimentos

Agradecer é sempre uma tarefa complicada, porque existe uma grande possibilidade de haver um esquecimento de alguém a quem deveríamos ter agradecido.

Assim, começo por agradecer ao Tenente-Coronel de Infantaria Cipriano, que na qualidade de orientador sempre se empenhou na resolução de qualquer dificuldade e pelas suas sugestões que, sem dúvida, foram de extremo valor para a realização do trabalho.

Ao Coronel de Infantaria Pereira, por ter disponibilizado as instalações do Centro de Tropas de Operações Especiais para a elaboração do trabalho.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria Queijo, que durante a realização do trabalho sempre revelou inteira disponibilidade no esclarecimento de dúvidas ao longo do trabalho.

Ao Capitão de Infantaria Dias pelas valiosas sugestões e críticas que foi efectuando ao longo do trabalho.

Ao meu curso de Infantaria por todo o apoio que me deram, não só na realização do trabalho, mas ao longo de todos os anos do curso.

A todos o meu muito obrigado.

Índice

Glossário de Abreviaturas	vii
Resumo	viii
Abstract.....	ix
Introdução	1
CAPÍTULO I – AMBIENTE OPERACIONAL	4
1.1 - Definição de Ambiente Operacional	4
1.2 - Factores que Influenciam o Ambiente Operacional	4
1.2.1 – Globalização	4
1.2.2 – Tecnologia	5
1.2.3 - Mudanças Demográficas	5
1.2.4 – Urbanização	5
1.2.5 - Escassez de Recursos	6
1.2.6 - Alterações Climáticas e Desastres Naturais	6
1.2.7- Proliferação de Armas de Destruição Maciça	6
1.3 - Actual Ambiente Operacional	7
1.3.1 – Objectivos Nacionais	7
1.3.2 – Os Objectivos Militares	8
1.3.3 – Ameaça	10
1.3.4 – Área de Operações	10
1.3.5 - Influências no Ambiente Operacional	11
CAPITULO II – ÁREAS EDIFICADAS	14
2.1- Definição de Áreas Edificadas	14
2.2 - Particularidades das Áreas Edificadas	15
2.2.1 – Características Principais.....	15
2.2.2 – Considerações a ter nas Áreas Edificadas	18
2.3 - Tipos de Operações nas Áreas Edificadas	20
2.3.1 - Operações Ofensivas	20
2.3.2 - Operações Defensivas	23
2.3.3 - Operações de Apoio à Paz.....	25
Capitulo III – SNIPER.....	27
3.1 – Caracterização do Sniper	27
3.1.1 – Sniper.....	27
3.1.2 – Trained Marksman (Atirador Especial).....	27
3.1.3 – Atirador Furtivo	27
3.2 – Características dos Snipers	28
3.2.1 – Missão.....	28
3.2.2 – Selecção e Treino.....	28
3.2.3 – Princípios de emprego	29
3.2.4 – Armamento e equipamento.....	30
3.2.5 – Modo de Operar.....	33
3.2.7 - Luta anti-sniper	34
Capitulo 4 – OS SNIPERS NAS ÁREAS EDIFICADAS	35
4.1 – Capacidades e Lacunas do Sniper nas Áreas Edificadas	35
4.2 – O Emprego dos Snipers	36
4.2.1 – Sniper na Ofensiva em Áreas Edificadas	37
4.2.2 – Sniper na Defensiva em Áreas Edificadas.....	37
4.2.3 – Sniper nas Operações de Apoio à Paz em Áreas Edificadas	38
Conclusão	39
Bibliografia.....	42
ANEXO A – Conferência de Imprensa da ONU	
ANEXO B – Evolução Histórica do Sniper	

ANEXO C – Armamento e Equipamento de um Sniper
ANEXO D – Aparelhos para Detectar um Sniper
ANEXO E – Orgânica do Pelotão Sniper em Portugal

Glossário de Abreviaturas

- ADM** – Armas de Destruição Maciça
- AOO** – Área de Operações (Area of Operations)
- CAE** – Combate em Áreas Edificadas
- CC** – Carros de Combate
- CP** – Prevenção de Conflitos (Conflict prevention)
- CPLP** – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
- CRO** – Operações de Resposta a crises (Crisis Response Operations)
- CTOE** – Centro de Tropas de Operações Especiais
- EE** – Espectro Electromagnético
- EUA** – Estados Unidos da América
- FA** – Forças Armadas
- FM** – Field Manual
- HU** – Operações Humanitárias (Humanitarian Operations)
- MCWP** – Marine Corps Warfighting Publication
- NBQ** – Nuclear Biológico e Químico
- OAP** – Operações de Apoio à Paz
- ONG** – Organização Não Governamental
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- OSCE** – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
- OTAN** – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- PB** – Consolidação da Paz (Peace Building)
- PE** – Imposição de Paz (Peace Enforcement)
- PK** – Manutenção de Paz (Peace Keeping)
- PM** – Restabelecimento da Paz (Peace Making)
- PO** – Posto de Observação
- RC** – Regulamento de Campanha
- ROE** – Regras de Empenhamento (Rules of Engagement)
- RTL** – Rádio Telefonista
- UE** – União Europeia
- VIP** – Pessoa Muito Importante (Very Important Person)

Resumo

O tema desta dissertação incide na investigação do atirador sniper nas áreas edificadas, sendo que, o seu principal objectivo é perceber se o emprego do sniper se justifica, ou não, nestas áreas de operações.

A abordagem ao tema visa perceber se as operações em áreas edificadas, perante o actual ambiente operacional, se justificam. Como tal, a opção de estudo recaiu sobre os factores que influenciam o ambiente operacional, bem como, a sua caracterização actual.

Posteriormente a esta caracterização global, aprofundou-se a temática das áreas edificadas, para perceber até que ponto é que estas se distinguem das outras áreas de operações, e que características possuem.

Nesta investigação houve uma pretensão em caracterizar o sniper ao nível das suas valências, do material e equipamento que utiliza, e o modo como é empregue.

Após a sua definição e caracterização, fez-se uma análise da aplicação do sniper nas áreas edificadas e de que modo é que as características de ambos se interligam.

A pesquisa bibliográfica realizada permitiu constatar as capacidades dos snipers e o modo como estas se podem adaptar às áreas edificadas, sendo no final feita uma alusão ao caso português para possíveis alterações ao nível da doutrina em vigor.

Palavras-Chave:

- AMBIENTE OPERACIONAL;
- ÁREAS EDIFICADAS;
- SNIPER.

Abstract

The theme of this research focuses on the sniper in urban areas, with the aim of the work realise if the sniper employment are justified in urban areas.

The study examined the factors which influence the operational environment and if operations in urban areas are justified.

The study began with the characterization of the current operational environment. After that we study the urban areas to realize the differences between them and others areas of operations.

Them we characterized a sniper, their equipment and material that they use for accomplish the mission.

After that we made a analysis of the employment of a sniper in urban areas, and how the characteristics of both are related.

With the literature research we had seen the capabilities of snipers and how they can adapt to the urban environment.

In that way at the end of the study we made an allusion to the portuguese case, for possible changes in current doctrine.

Keywords:

- OPERATIONAL ENVIRONMENT;
- URBAN AREAS;
- SNIPER.

Introdução

Definição do contexto e do objectivo da investigação

Quivy e Capenhoudt (1992, p.29) consideram que “(...) o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível (...)”, para expor de uma maneira precisa o que se pretende estudar, servindo de orientação para todas as etapas da investigação e como base de partida para a mesma.

Esta investigação pretende analisar “O Atirador Sniper nas Áreas Edificadas”, mais propriamente, conseguir perceber se o seu emprego se justifica, ou não. A partir desta investigação alcançamos uma questão central: “Justifica-se o emprego de snipers nas Áreas Edificadas?”

Inicialmente foram encontradas várias premissas que se mostravam objectivas e coesas, no entanto, ao longo da investigação, sofrem alterações devido à sua larga subjectividade e justificou-se o estudo da permissa apresentada.

Numa primeira fase, propus-me realizar um trabalho com o mesmo tema, “O Atirador Sniper nas Áreas Edificadas” mas com outra questão central, onde propunha determinar a resposta à seguinte questão: “Qual a importância a atribuir ao uso dos snipers no combate em áreas edificadas?”

A justificação da alteração, desta questão central, prendeu-se com questões de tempo para a realização do trabalho de investigação, porque para dar resposta a esta questão teria de recorrer a vastos recursos e o tempo para os trabalhar seria limitado.

Numa segunda fase, mantendo o tema “O Atirador Sniper nas Áreas Edificadas”, propus dar resposta à seguinte questão central: “De que modo pode um sniper ameaçar, as capacidades operacionais de uma força?”

Para responder a esta questão, deparei-me com dificuldades ao nível da delimitação do problema que se revela muito extenso, uma vez que se torna difícil mesurar os efeitos que um sniper causa numa força, assim como, é difícil avaliar os efeitos ao nível da motivação e da moral.

Após o processo de evolução da questão central, cheguei à actual premissa fulcral do trabalho.

A escolha do tema e da questão central justificam-se na medida em que os snipers ao longo da história têm provado que podem influenciar decisivamente o desenrolar das operações, e porque as operações em áreas edificadas assumem-se, cada vez mais, como um local preponderante no desenrolar das missões, onde o bom emprego dos meios pode conduzir ao sucesso da missão.

Este estudo tem pertinência científica, na medida em que, os resultados obtidos podem ser utilizados para posteriores investigações relacionadas com as áreas edificadas ou com

snipers, e as suas conclusões podem contribuir para uma maior eficiência ao nível do emprego dos recursos humanos, materiais e a uma possível revisão da actual doutrina.

Com a realização deste estudo, pretende-se saber se a utilização de um sniper contribui, ou não, de modo decisivo para o sucesso das missões nas áreas edificadas. Ou seja, se as capacidades de um sniper se adequam às características das áreas edificadas.

No final da elaboração do trabalho, pretende-se também, contribuir com propostas para uma melhoria do emprego dos meios.

Delimitação do estudo

É essencial chegarmos a uma solução viável para a resolução da questão central, pelo que se considera pertinente a formulação das seguintes questões derivadas:

1. Perante o actual Ambiente Operacional justificam-se as operações em Áreas Edificadas?
2. Serão as Área Edificadas uma área de operações com características próprias?
3. Serão os Snipers combatentes com características próprias?
4. As características dos snipers adequam-se ao combate em áreas edificadas?

Segundo Manuela Hill e Andrew Hill (2005, p.21) a “(...) revisão da literatura permite encontrar teorias e artigos sobre investigações empíricas apresentadas (os) por diversos autores. A primeira coisa a fazer é utilizar essa literatura para conduzir a uma hipótese ou conjunto de hipóteses (...)”.

As hipóteses formuladas, para responder às questões derivadas são:

1. As operações em áreas edificadas justificam-se na medida em que, perante o actual ambiente operacional, estas operações vão ocorrer com muita frequência;
2. As áreas edificadas distinguem-se das restantes operações, pelas características específicas que possuem e pelo modo como as forças são empregues;
3. Os snipers possuem determinadas características específicas, que nos obriga a ter em conta para qualquer operação;
4. As valências que os snipers possuem, adequam-se às características das áreas edificadas.

Corpo de conceitos

Ao longo do trabalho existem várias expressões que vão ser utilizadas. Para uma melhor compreensão irei definir algumas dessas locuções:

- Considera-se áreas edificadas, os locais onde as construções do homem são dominantes.

(MCWP, 1998, p.1-2)

- Sniper é um indivíduo seleccionado, treinado e equipado com uma arma e alça telescópica que lhe permite executar tiro a curtas, médias e longas distâncias com grande precisão. (Field Manual 23-10, 1994, p.1-1)

Metodologia

Para a composição do trabalho foi realizada uma investigação sobre o actual ambiente operacional, as áreas edificadas e os snipers, tendo em conta os aspectos pertinentes para dar resposta às questões derivadas e posteriormente à questão central. Esta investigação foi desenvolvida recorrendo, essencialmente, a fontes bibliográficas: livros, monografias e artigos de revistas.

Organização e conteúdo do estudo

A forma como o conteúdo do trabalho se encontra organizado visa proporcionar um encadeamento lógico, que conduza a uma compreensão por parte do leitor da temática a tratar. Como tal, o trabalho inicia-se com a análise do ambiente operacional, onde se pretende estudar os factores que influenciam o ambiente, e de que modo é que estes factores vão influenciar o actual ambiente operacional.

Ao analisarmos o actual ambiente operacional conseguimos fazer uma ponte para as áreas edificadas e verificar se estas vão ter, ou não, relevância para futuras operações.

De seguida, é estruturado um capítulo dedicado à análise das áreas edificadas, dando ênfase às suas características e a determinados princípios necessários, a ter em conta quando se actua numa área de operações desta natureza.

Após a análise das áreas edificadas vamos estudar o sniper, abordando os seus princípios de emprego, as suas características e o armamento e equipamento com que actuam. Para mais tarde, dedicar um capítulo à análise das características do sniper e das áreas edificadas, identificando lacunas e capacidades do sniper nestas áreas.

Na conclusão é pretendido fazer uma síntese dos resultados obtidos ao longo da investigação, e possíveis propostas para melhorar o emprego dos snipers.

CAPÍTULO I – AMBIENTE OPERACIONAL

1.1 - Definição de Ambiente Operacional

“O ambiente operacional em que decorrem as campanhas militares constitui uma noção elementar da ciência militar determinante do enquadramento e do modo como se devem empregar os meios disponíveis. A sua análise e estudo devem constituir uma preocupação permanente dos chefes políticos e militares, sob pena de se reduzirem drasticamente as possibilidades de êxito, independentemente das capacidades ou do potencial das forças empenhadas.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p. 2-1)

As operações militares são influenciadas por um conjunto de factores que definem a sua natureza, o que exige a compreensão estratégica e do ambiente operacional, tendo em atenção a missão que se vai realizar.

Logo, é essencial compreender, de forma clara e precisa, as características do ambiente operacional e de que maneira é que este vai influenciar o uso e conduta das forças.

1.2 - Factores que Influenciam o Ambiente Operacional

O mundo de hoje encontra-se em constante evolução ao nível local, regional e global, gerando instabilidades como: separatismos; conflitos religiosos; conflitos étnicos; fundamentalismos ou migrações em massa. Contudo, não podemos esquecer que em determinados pontos do globo, existe uma maior sensibilidade a estas premissas, devido ao seu enquadramento económico, político ou social. Podemos destacar, o Norte de África, África Subsariana, Médio Oriente, Balcãs, Cáucaso, Ásia Central e Ásia do Sul. (Regulamento de Campanha, 2005, parte I p. 1-1)

No entanto, existem inúmeros factores que contribuem para a crescente instabilidade em determinadas regiões e que poderão despoletar novos conflitos e influências. Esses factores são: Globalização; Tecnologia; Mudanças Demográficas; Urbanização; Escassez de Recursos; Alterações Climáticas e desastres Naturais; Proliferação de armas de destruição maciça.

1.2.1 – Globalização

A globalização é um fenómeno que tem aspectos positivos, como a prosperidade dos países, e aspectos negativos, como o terrorismo global. A verdade é que os aspectos positivos se concentram nalguns estados, nomeadamente nos estados desenvolvidos do hemisfério Norte, enquanto que, muitos dos estados do Sul carecem desse desenvolvimento, o que cria uma dicotomia entre os Hemisférios Norte e Sul.

Esta diferença entre hemisférios, e o facto de muitas pessoas viverem no limiar da pobreza extrema, faz com que muitas destas pessoas sejam vulneráveis e aumenta a possibilidade de serem recrutadas por grupos terroristas.

Com a globalização surgem outros actores, não estatais ao nível económico, militar e diplomático que rivalizam com os estados, o que torna as relações diplomáticas entre estados mais difíceis e complexas. (Field Manual 3-0, 2008, 1-2)

1.2.2 – Tecnologia

As evoluções tecnológicas revolucionam e melhoram a qualidade de vida das populações, no entanto, podem também ser usadas para destruir vidas humanas. Inicialmente, não são desenvolvidas e produzidas em quantidades suficientes para que toda a população mundial tenha acesso. Economicamente, são as classes sociais mais altas que têm a possibilidade de usufruir destas tecnologias em primeira-mão, o que pode traduzir num conflito entre os países desenvolvidos e não desenvolvidos. (Field Manual 3-0, 2008, 1-2)

Política e socialmente, os estados desenvolvidos têm a capacidade de pesquisar, desenvolver e inovar a tecnologia, que influencia de um modo decisivo o desenrolar de qualquer operação, ao nível do comando e controlo, da manobra e do apoio de serviços. Isto porque, o impacto da tecnologia vai influenciar directamente o tipo de equipamento e o modo de emprego das forças num conflito. (Field Manual 3-0, 2008, 2-6)

1.2.3 - Mudanças Demográficas

A população mundial está em crescimento, e para isso contribuem determinadas zonas do globo, como o sul de África e o sudeste da Ásia.

Estas regiões são também as mais carenciadas e menos desenvolvidas, o que pode despoletar revoltas por grupos de jovens que indignados com a situação, mais facilmente se associam a movimentos radicais, a forças contra o governo ou ao crime organizado. (Field Manual 3-0, 2008, 1-2)

1.2.4 – Urbanização

Mais de metade da população do planeta vive ou vai viver em cidades, ou seja, o número de habitantes nas zonas urbanas tem tendência a aumentar e conseqüentemente a dimensão dos aglomerados urbanos, o que obriga aos diversos governos a ter uma atenção especial para com estas cidades, nomeadamente no que diz respeito à segurança, ao crime organizado, e ao crescimento de novas ideologias e culturas. Estas situações sociais, poderão ser mais notórias se não existirem empregos suficientes para a população, bem como, se houver decadência nas condições sanitárias e carência de serviços básicos.

Todavia, existe uma tendência para o surgimento de desigualdades sociais muito características, com zonas ricas e prósperas, e zonas pobres com poucos recursos.

1.2.5 - Escassez de Recursos

O facto da população mundial estar a crescer, maioritariamente em grandes aglomerados urbanos, faz com que os recursos básicos e essenciais como a água, a comida e a energia se tornem escassos. Esta conjuntura vai aumentar o número de conflitos e disputas, devido ao finito de alguns recursos, como é o caso da água, do petróleo, do carvão, já desprovidos em alguns pontos do nosso planeta.

Existem regiões do globo em que a escassez de recursos será mais acentuada, do que em outras regiões, o que poderá originar uma disputa pelos recursos mais cedo. (Field Manual 3-0, 2008, 1-2)

1.2.6 - Alterações Climáticas e Desastres Naturais

Os desastres naturais podem ocorrer em qualquer parte do planeta, e consigo advêm uma enorme panóplia de consequências, como crises humanitárias, enormes migrações de população, destabilização regional e o aumento de doenças epidémicas.

O consumo de recursos naturais agrava as probabilidades de ocorrerem desastres naturais, pois a natureza não tem capacidade de produzir matérias a um ritmo igual ou superior, a que estas são consumidas.

O impacto de um desastre natural faz-se sentir com mais intensidade nas áreas urbanas, pela quantidade de pessoas que vivem nessas áreas, e pelo aumento do risco de contaminação através de epidemias. (Field Manual 3-0, 2008, 1-3)

1.2.7- Proliferação de Armas de Destruição Maciça

A ameaça de proliferação de armas de destruição maciça¹ está ligada ao aumento de organizações terroristas que procuram este tipo de armamento pelas características que este possui. Exemplificando, a ocorrência de um eventual ataque irá destabilizar o país onde este ocorre, ao mesmo tempo que incorre na economia mundial e na estabilidade global.

Muitas vezes, estas organizações recebem ajuda de países que patrocinam as suas acções, daí o perigo que está adjacente proliferação deste tipo de armamento, assim como, o facto de alguns países com potência nuclear partilharem essa tecnologia, para ganharem dinheiro.

¹ Arma que pode causar um grande número de mortos e danos materiais, caso seja usada.

1.3 - Actual Ambiente Operacional

O conhecimento do ambiente operacional é determinante no modo de emprego dos meios e difere no tempo, na região, dos interesses em causa e das forças empenhadas, daí nunca ser imutável.

Assim, é essencial caracterizar o actual Ambiente Operacional para uma melhor preparação das forças ao nível de pessoal e ao nível do equipamento. Os factores a analisar para determinar o actual ambiente operacional são: a definição de objectivos nacionais a definir pela política²; os objectivos militares da operação³; a ameaça e a área de operações (AOO)⁴.

1.3.1 – Objectivos Nacionais

A conjuntura estratégica do mundo mudou de forma significativa desde 1989⁵, com os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001⁶, o que obrigou o sistema internacional a auto regular-se e a equilibrar-se. Este acontecimento teve implicações nos sistemas de defesa e segurança, nomeadamente nas missões e estrutura das FA (Forças Armadas).

Assim, a doutrina e organização das FA teve de se adaptar a uma nova realidade, onde a ameaça e os riscos são multifacetados e multi-direccionais, que conjugados com o crescimento de nacionalismos, radicalismos e conflitos de matriz interna, acentuaram a necessidade de uma política de prevenção de conflitos e de gestão de crises.

Devido a estas características, existe uma forte probabilidade das forças militares actuarem em diferentes teatros de operações, obrigando as FA a terem forças flexíveis e adaptáveis, e a um emprego conjunto dos três ramos, tirando partido das capacidades individuais e diminuindo a vulnerabilidades de cada um. (Regulamento de Campanha, 2005, parte I p.2-1)

No nosso caso concreto, os interesses nacionais a defender por Portugal, são influenciados pela sua localização geográfica, e por uma participação plena nas organizações internacionais, caso os interesses sejam compatíveis com esta participação. Sendo assim, centram-se na necessidade de defesa do território nacional, numa integração harmoniosa no espaço Euro atlântico, numa presença forte na comunidade internacional com uma política externa de afirmação (principalmente junto das comunidades de língua portuguesa) e na participação em políticas de cooperação, protecção civil e protecção ambiental.

² Estes objectivos estão directamente relacionados com os interesses nacionais, ou seja com a envolvente estratégica do país.

³ Os objectivos militares são determinados pela estratégia e delimitados pela doutrina de emprego da força.

⁴ Em Inglês – Área of Operations (AOO)

⁵ 9 de Novembro de 1989, queda do muro de Berlim.

⁶ 11 de Setembro de 2001, Ataque terrorista às Torres Gémeas do World Trade Center de Nova Iorque e ao Pentágono em Washington.

Neste sentido, foram definidas como prioritárias para as FA, as seguintes missões:

- Defesa integrada do território;
- Resposta a crises internacionais no âmbito da ONU (Organização das Nações Unidas), OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa), OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), UE (União Europeia) e CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa);
- Cooperação técnico-militar;
- Missões de interesse público.

A estas missões prioritárias estão associados graus de probabilidade de actuar:

- Defesa do território apresenta uma probabilidade baixa para se actuar;
- Defesa colectiva⁷ (art. 5º) uma probabilidade média;
- Operações de Resposta a Crises (CRO)⁸ (não art. 5º)⁹ uma probabilidade Alta/média;
- Participação em OAP (Operações de Apoio à Paz) e Operações Humanitárias (HU) uma probabilidade alta/média;
- Cooperação técnico militar e missões de interesse publico uma probabilidade alta.

1.3.2 – Os Objectivos Militares

Os objectivos militares concorrem para a concretização dos objectivos nacionais, daí ser essencial estabelecer uma ponte entre os objectivos nacionais e os objectivos militares.

Como tal, as forças militares actuam conforme os objectivos e finalidades a atingir, utilizando os meios de coacção de várias maneiras, fazendo uso, ou ameaça de uso, da força em todo o espectro das operações militares que compreende três categorias: Paz¹⁰; Crise¹¹ e Guerra¹².

A este espectro estão associadas tipos de operações militares que podem ser (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p. 2-12):

- Art.º 5 – Defesa Colectiva.
- Não Art.º 5 (CRO) – Operações de Resposta a Crises.

⁷ O Tratado do Atlântico Norte foi assinado a 4 de Abril de 1949 na cidade de Washington e no art.5º do tratado as partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas.

⁸ Em Inglês – Crisis Response Operations (CRO)

⁹ Operações que não se encontram enquadradas no âmbito do art.5º do Tratado Atlântico Norte.

¹⁰ “(...) a suspensão, mais ou menos durável, das modalidades violentas da rivalidade entre os estados (...)”. (COUTO, 1988, p. 11)

¹¹ “(...) é a sequência de interações entre governos de dois ou mais estados, em conflito intenso, perto da iminência da guerra, porém com a percepção do perigo que representa uma elevada probabilidade de guerra.” (BORGES, 2004, p.9)

¹² “ (...) violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário (...)”. (COUTO, 1988, p. 148)

- a) Operações de Apoio à Paz (OAP)
 - (a) Manutenção da Paz (PK – Peace Keeping);
 - (b) Imposição da Paz (PE - Peace Enforcement);
 - (c) Prevenção de Conflitos (CP - Conflict Prevention);
 - (d) Restabelecimento da Paz (PM - Peace Making);
 - (e) Consolidação da Paz (PB - Peace Building);
 - (f) Operações Humanitárias (HU - Humanitarian Operations).
- b) Outras Operações e Tarefas de Resposta a Crises
 - (a) Apoio às Operações Humanitárias.
 - 1. Assistência a Deslocados e Refugiados;
 - 2. Operações Humanitárias (fora do âmbito das OAP).
 - (b) Assistência a Desastres;
 - (c) Busca e Salvamento;
 - (d) Operações de Evacuação de Não-Combatentes;
 - (e) Operações de Extração;
 - (f) Apoio às Autoridades Cíveis;
 - (g) Imposição de Sanções e Embargos.

Os meios para cumprir as missões estão organizados em sistemas operativos que devem ser aplicados de forma sincronizada e coordenada para rentabilizarem ao máximo os recursos disponíveis com eficiência.

Como sistemas operativos temos a manobra, o apoio de fogos, as informações, a protecção, a defesa aérea, o apoio de serviços e o comando e controlo.

A manobra consiste no emprego da força através do fogo e do movimento, combinando os dois para ter vantagem sobre o Inimigo.

O apoio de fogos utiliza o poder de fogo para infringir danos no inimigo que permitem a manobra obter sucesso. (Regulamento de Campanha, 2005, parte I p. 2-2).

As informações ajudam a reforçar a liderança e podem maximizar o rendimento dos outros sistemas com vista serem usadas para diminuir as capacidades do inimigo.

A protecção inclui a mobilidade, ou seja, deslocar todo o potencial de combate, contra-mobilidade, que reduz a mobilidade do inimigo e sobrevivência, e que visa manter o potencial de combate das nossas forças mesmo em ambiente NBQ (Nuclear Biológico e Químico).

A defesa aérea permite evitar que as nossas forças sejam flageladas por ataques aéreos.

O apoio de serviços tem como objectivo manter o potencial de combate da força.

O comando e controlo visa integrar todos os outros sistemas de forma harmoniosa.

“É através da aplicação destes sistemas operativos que uma força militar planeia a forma de atingir os objectivos que lhe foram definidos, procurando utilizá-los de acordo com a finalidade da operação.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p. 2-3)

O bom funcionamento de todos os sistemas operativos e a sua inter relação é extremamente importante, não só quando estamos a falar de missões exclusivas do exército, mas quando nos referimos a operações conjuntas¹³ e a operações combinadas¹⁴. Estas últimas têm se desenvolvido devido a uma crescente cooperação entre países e organizações, para fazer faces às ameaças que também elas evoluíram.

1.3.3 – Ameaça

“Qualquer acontecimento ou acção (em curso ou previsível) que contraria a consecução de um objectivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais e morais. Podem ser de variada natureza (militar, económica, subversiva, ecológica, e (...).” (COUTO, 1988, p. 329)

Para se verificar uma ameaça tem de se verificar uma intenção em aplicar o seu potencial.

As ameaças actualmente têm um carácter multifacetado e transnacional, e nesse sentido, são consideradas como ameaças os estados pária, os estados com regimes ditatoriais em colapso, os estados resultantes da desagregação de regimes autoritários, os estados em disputas territoriais, as organizações terroristas e as organizações criminosas, porque são possíveis geradores de conflitos.

A opinião pública internacional e as opiniões públicas nacionais, podem ser considerados actores não hostis condicionadores da ameaça, porque conseguem influenciar de maneira decisiva os contendores. (Field Manual 3-0, 2008, 1-4)

Caso seja necessário actuar num determinado território, as ameaças vão procurar actuar num terreno complexo, como o terreno urbano. Isto porque, se prevê que os conflitos sejam assimétricos, com forças não convencionais e com equipamentos, tecnologia e doutrina diferentes. (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p. 2-4)

1.3.4 – Área de Operações

“Divisão adicional do espaço terrestre, marítimo ou aéreo da área de operações conjunta ou área de exercícios.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte II, p. 2-16)

A área de operações, incluída no ambiente operacional, é extremamente importante, porque vai influenciar o modo de emprego, tamanho e composição da força, bem como, o tipo de unidades a utilizar, devido às características próprias que cada área de operações pode ter. Deve-se ter em atenção a extensão, a configuração, a população e a urbanização existentes dessa área.

¹³ Operações que envolvem meios e recursos de mais do que um ramo.

¹⁴ Operações desenvolvidas por forças de mais do que um país.

No moderno campo de batalha a componente espacial vai ganhar um maior ênfase devido à evolução das tecnologias, às guerras de informação e ao espectro electromagnético (EE). As forças empregues vão ter de atingir uma determinada finalidade independentemente da área espacial onde actuam, em qualquer tipo de operação e dentro de todo o espectro de operações militares.

As áreas de operações podem ser contíguas¹⁵ ou não contíguas¹⁶, sendo que o actual campo de batalha se classifica, tendo em conta, a finalidade em áreas de operações decisivas¹⁷, áreas de operações enquadrantes e áreas de operações de sustentação¹⁸.

No futuro as forças vão ter de atingir uma determinada finalidade independentemente da área espacial onde actuam, em qualquer tipo de operação, dentro de todo o espectro de operações militares.

1.3.5 - Influências no Ambiente Operacional

Nos últimos anos, com o crescente aumento da população e do número de habitantes nas áreas urbanas, conseguimos verificar, como consequência, um crescimento da dimensão e do número de cidades. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.1-1)

A complexidade cultural e demográfica que se verifica nalgumas cidades pode levar a crises humanitárias, conflitos étnicos, conflitos religiosos, radicalismos e conflitos internos.

Inúmeras operações militares junto das populações e nas principais zonas de tensão, poderão surgir para prevenir qualquer conflito e garantir a estabilidade nessa região.

O desenvolvimento da ciência, tecnologia, transportes, informação, e o facto de estarmos numa economia cada vez mais globalizada, vai influenciar também o ambiente operacional. As evoluções tecnológicas vão permitir utilizar tecnologias mais desenvolvidas, em terra, no mar, no ar e no espaço, o que vai aumentar o potencial de combate e eficácia das acções durante a noite e em condições meteorológicas desfavoráveis.

Nem todos os actores tem a possibilidade de desenvolver, inovar e aplicar novas tecnologias, pois apenas está ao alcance de actores com maior poder económico. Consequentemente vai fazer com que os conflitos sejam assimétricos, devido a uma grande disparidade ao nível do equipamento e do modo de actuar dos actores.

¹⁵ As Unidades subordinadas adjacentes que partilham limites.

¹⁶ As Unidades subordinadas foram atribuídas áreas de Operações em que os limites não são partilhados.

¹⁷ “As operações decisivas cumprem, directamente, tarefas atribuídas pelo escalão superior e influenciam decisivamente o resultado das grandes operações, batalhas e empenhamentos.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p. 1-10)

¹⁸ “As operações de sustentação têm por finalidade gerar e manter potencial de combate. São conduzidas por qualquer escalão e permitem a execução das operações de moldagem e decisivas (...)” (Regulamento de Campanha, 2005, parte II, p. 1-12).

Os actores com menos recursos vão procurar actuar em áreas onde os actores com mais tecnologia, não consigam tirar proveito de forma tão acentuada do seu potencial de combate.

Nessa área, destaca-se o ambiente urbano que tem características muito próprias, permitindo aos actores com menos recursos adquirirem algumas vantagens, uma vez que um actor com mais recursos pode ter restrições no uso do apoio aéreo porque a preocupação com os danos colaterais devido à presença de população civil e no uso das comunicações são mais difíceis de efectuar pelas características do campo de batalha (edifícios, muros).

Neste tipo de operações a ameaça pode confundir-se com a população, o que dificulta a sua identificação e obriga a ter meios no auxílio para a sua identificação e posterior eliminação sem causar danos colaterais.

Uma vez que os media têm um acesso facilitado à área de operações, por esta ter fortes possibilidades de ser efectuada em áreas edificadas, a maneira de se perspectivar a guerra vai também ser diferente, com meios capazes de acompanhar as operações em tempo real. Esta situação agrava-se com as novas tecnologias, que vieram permitir e facilitar a divulgação de vídeos e fotografias na Internet.

Através dos seus mecanismos de persuasão e informação, os media conseguem influenciar a opinião pública, revelando a sua perspectiva do conflito através de imagens e relatos, que podem conduzir a uma opinião negativa da população e conseqüentemente a uma pressão política, no sentido de terminar a intervenção militar. (Field Manual 3-0, 2008, 1-3)

A intervenção de forças militares é cada vez mais dirigida para a prevenção de conflitos, devido ao surgimento de um maior número de situações de crise, movimentos radicais e movimentos independentistas, que conduzem a conflitos internos.

Estas intervenções vão focalizar-se nas áreas urbanas e nas suas áreas envolventes, para que as populações sintam a presença das forças militares que tentam demover qualquer acção que ponha em causa a estabilidade da região.

Mas, para actuarem legitimamente, o direito internacional tem de ser respeitado, e só se intervém, quando a ONU emite uma resolução favorável ao emprego de forças militares nesse território.

As forças que vão actuar nesse território, estão sujeitas a Regras de Empenhamento (ROE)¹⁹, que são regras que delimitam o emprego da força por parte de unidades militares. (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p. 2-12)

As operações do futuro vão alcançar um leque muito vasto de diferenças entre si, porque existem vários factores que influenciam cada uma das zonas onde essas operações estão

¹⁹ Em Inglês - Rules of Engagement (ROE)

inseridas, obrigando os comandantes a adaptarem-se ao ambiente onde estão a actuar e a criar soluções mais eficazes para empregar os meios que dispõem.

CAPITULO II – ÁREAS EDIFICADAS

2.1- Definição de Áreas Edificadas

Podemos definir as operações militares nas áreas edificadas, como sendo todas as operações que ocorrem onde as construções do homem são dominantes, e conseqüentemente, nas áreas adjacentes a estas. (MCWP, 1998, p.1-2)

O combate em áreas edificadas (CAE) sempre influenciou as campanhas militares, uma vez que é nestas áreas, onde se encontram os grandes centros de decisão e, por outro lado, onde existem os recursos mais importantes, como água e alimentos.

Existem inúmeros exemplos que acentuam a importância das áreas edificadas, como o caso de várias batalhas que mudaram o rumo da história. Relembramos a batalha de Tróia, que ocorreu na antiga Grécia e que ficou conhecida pelo célebre cavalo de Tróia; Os cercos da idade medieval aos castelos dos senhores feudais e as campanhas napoleónicas, onde eram saqueadas todas as vilas e cidades por onde passavam com o intuito de alimentar o seu enorme exército; Algumas batalhas da II Guerra Mundial, Estalinegrado e Berlim, e mais recentemente o exemplo da Chechénia, Kosovo, Mogadíscio, Iraque e Afeganistão.

Como vimos, ao longo da história ocorreram inúmeras operações em áreas edificadas que têm sido conseqüentemente determinantes, facto esse, que tendencialmente se vai continuar a verificar porque, conforme referido no capítulo anterior, após uma análise do ambiente operacional, a maioria das operações militares vão ocorrer nas áreas edificadas.

Um dos factores que contribui para que as operações militares no futuro se desenvolvam em áreas edificadas, tem sido o elevado crescimento das zonas urbanas nos últimos tempos. Este incremento deve-se sobretudo a movimentos de migração para estas áreas e ao elevado crescimento da população mundial.

Segundo dados da ONU, em 2008 mais de metade da população mundial vai viver em áreas urbanas, sendo que, em 2030 cinco biliões de pessoas vão viver em cidades, e as populações que reside em áreas urbanas, na Ásia e África, irão duplicar em menos de uma geração²⁰.

Esta elevada concentração de população, pode originar vários problemas, como a escassez de recursos (água, saneamento básico, escolas, etc.), pobreza (falta de empregos) e conseqüentemente revoltas no seio da população.

As áreas urbanas têm crescido cada vez mais, não só devido aos factores anteriormente anunciados, mas também devido ao crescimento da indústria e a um desenvolvimento das vias de comunicação²¹, o que faz com que as cidades sejam eleitas como locais predilectos

²⁰ Anexo A – Conferência de Imprensa da ONU

²¹ Estradas, auto-estradas, caminhos-de-ferro, aeroportos, aeródromos e portos.

para a actuação de uma ameaça, porque é onde se “(...) concentram a indústria, economia, fontes de decisão, os organismos estatais e políticos.” (Manual de CAE, 1996, p.1)

2.2 - Particularidades das Áreas Edificadas

Como referido anteriormente, o combate em áreas edificadas, vai assumir uma grande relevância em futuras operações militares. Assim, deve-se analisar as características das áreas edificadas e algumas considerações a ter neste tipo de operações.

2.2.1 – Características Principais

Presença de Civis

A presença de civis será sempre enunciada como a principal característica das áreas edificadas, devendo-se ao aumento do número de aglomerados urbanos e à quantidade de pessoas a viver neles.

Dependendo do tipo de operação pode-se verificar um maior, ou menor, número de pessoas nas áreas edificadas²², mas em qualquer uma das situações é sempre evidente a figura dos civis.

Com a presença dos civis, deve-se ter em atenção a necessidade de bens essenciais para a sua sobrevivência (água, comida, cuidados médicos). Por isso, quando se verifica este tipo de operações, existe urgência em restaurar o mais rapidamente possível os serviços básicos, devendo-se usar armas de precisão para evitar que essas mesmas infra-estruturas fiquem danificadas, minimizando o número de destruições.

As forças militares podem ter de realizar diversas missões, como:

- Garantir as necessidades básicas, através da distribuição de alimentos;
- Conseguir manter condições de higiene mínimas para não se aumentar o risco de disseminação de doenças;
- Manter a lei, ordem e segurança no seio da população, uma vez que as autoridades responsáveis por tais tarefas podem não conseguir garantir estas premissas.

A presença de civis limita os movimentos das forças no interior e no exterior dos edifícios e condiciona o desenrolar das operações, logo a situação ideal era separar os combatentes dos não combatentes. No entanto, esta é uma situação extremamente difícil de se realizar, principalmente se a ameaça estiver misturada com a população. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.1-1)

²² Podem surgir deslocados ou refugiados.

Combate Tridimensional

Nas áreas edificadas verifica-se um combate tridimensional porque a ameaça pode surgir de qualquer lado. (Manual de CAE, 1996, p.1)

Tem de se ter em consideração a própria configuração das áreas edificadas, onde podemos ter combates:

- Ao nível da rua – As ruas e avenidas são os eixos de aproximação nas áreas edificadas onde as forças são canalizadas, sendo o espaço para manobrar limitado. Este aspecto, permite que os obstáculos sejam muito eficazes, porque a probabilidade de se passar lá é maior, para além do terreno permitir uma maior observação por parte de uma ameaça.
- Acima do solo – Nas áreas edificadas temos de ter em atenção os telhados e as inúmeras janelas que existem, porque podem ser usados para observar, e para preparar posições de tiro, devido a existirem bons campos de tiro. As viaturas blindadas devem ter especial atenção estes aspectos, uma vez que a sua blindagem, geralmente, é mais fraca na parte de cima. O emprego de meios aéreos, nomeadamente helicópteros, também se torna restrito porque são mais susceptíveis de um possível ataque e nas áreas edificadas a probabilidade de sucesso é maior.

Temos de ter em atenção também o combate no interior dos edifícios, onde a acção do reconhecimento fica limitada e verifica-se a existência de cobertos e abrigos, o que pode originar intensos combates, devido à sua complexidade.

- Debaixo do solo – Quando nos referimos a, debaixo do solo, estamos a fazer referência, ao metro, túneis, esgotos, abrigos e a outras construções que podem estar abaixo do solo. Estas construções podem ser usadas como eixos de aproximação, principalmente para os baixos escalões, e caso sejam controlados, podem servir para evacuar feridos e para a distribuição de mantimentos.

Estes podem também ser usados para surpreender o opositor, manobrando para os flancos, para a retaguarda das posições do opositor, ou então realizar emboscadas. Mas tem de se ter em atenção, que estas áreas são mais fáceis de defender e bloquear, o uso delas está dependente de um excelente conhecimento destas áreas. (Field Manual 3-06, 2003, p.2-5)

Instintiva e Brutal

As áreas edificadas são instintivas e brutais, porque a “ (...) observação e campos de tiro são muito limitados, o combate próximo ganha importância e sai vencedor quem é mais rápido e destro (...)”. (Manual de CAE, 1996, p.1)

Com uma observação limitada torna-se mais difícil a aquisição de alvos, que é ainda mais reduzida com o pó existente no ar e com o uso de granadas de fumo. Estes factores vão

dificultar a determinar onde se encontram as forças inimigas, qual o seu potencial e quais os seus planos.

Com reduzidos campos de tiro o uso de granadas, explosivos e munições vai ser elevado, sendo que, o apoio a curtas distâncias com fogos de supressão muito intensos vai ser determinante na progressão nas aéreas edificadas (Army Field Operations, Urban Operations, 1999, p. 3-3).

O combate é edifício a edifício porque a manobra tem muitas restrições nas áreas edificadas e o emprego da artilharia, e de morteiros, podem ter limitações devido aos danos colaterais. Assim, a infantaria assume um papel de relevo, porque consegue limpar compartimento a compartimento.

Para rentabilizar o emprego da infantaria pode ser necessário o uso de equipamento específico como cordas, fateixas, tubos, marretas, cargas explosivas, alicates, material para rappel e torpedos bengalórios.

Todos estes factores implicam que o treino das forças seja muito intenso para se obter uma maior eficiência no emprego da força e uma grande coordenação entre todos os elementos da força. É indispensável um excelente comando e controlo.

Comando e Controlo

Para o desenrolar de qualquer operação, é essencial existir comando e controlo, mas nas áreas edificadas surgem várias dificuldades neste aspecto.

O comando e controlo é muito difícil na medida em que se realizam limpezas, compartimento por compartimento, logo vários homens podem estar em diferentes compartimentos, o que torna a acção do comandante de pelotão, ou de secção, mais difícil.

Mais uma vez, é essencial uma preparação para este tipo de acções, para que os comandantes tenham confiança nos seus subordinados e para que estes percebam a intenção do comandante para se verificar coesão nas operações.

Associado ao comando e controlo, está a utilização de rádios, que pode estar comprometida porque existem muitas interferências para o seu uso. Exemplo disso é a grande concentração de linhas de alta tensão e a dificuldade de propagação das ondas, devido aos edifícios existentes.

Por outro lado, os sinais visuais podem também estar comprometidos, uma vez que é difícil manter o contacto visual com todos os elementos devido à existência de muitos obstáculos. Da mesma maneira, os sinais sonoros devido ao barulho dos disparos e explosões que fazem eco quando nos encontramos no interior de um edifício.

Outras alternativas às anteriores seriam: O uso de mensageiros, no entanto, tudo indica que o inimigo tem uma maior probabilidade de os detectar; Ou recorrer ao uso de telefones de campanha para se estabelecer comunicações, podendo a sua operacionalidade ser

afectada por algum rebentamento ou pela passagem de viaturas que cortam o fio e conseqüentemente a comunicação.

Devido a estas restrições, de comando e controlo, é essencial um planeamento detalhado, uma coordenação entre todos os elementos e rotinas para suprimir estas dificuldades. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.1-13)

Isolamento

Segundo o manual de CAE “o isolamento devido à natureza das construções provoca no combatente um efeito psicológico que poderá levar à rotura (...)”. (Manual de CAE, 1996, p.2)

Como já vimos, no combate em áreas edificadas, os escalões mais baixos assumem uma importância extrema. Mas por vezes estas unidades estão susceptíveis a ficar isoladas, porque actuam numa vasta área.

Muitas vezes, os escalões mais baixos actuam isolados, sendo essencial o conhecimento e identificação com a intenção do comandante, e nunca perder o ímpeto, que deve ser mantido para o inimigo não se organizar e ganhar a iniciativa.

2.2.2 – Considerações a ter nas Áreas Edificadas

Stress

O stress é algo inerente a qualquer operação e a qualquer ambiente e, até certo ponto, pode revelar-se positivo porque aumenta os níveis de concentração e pode conduzir a atitudes como a lealdade ou heroísmo. No entanto, quando estamos perante stress em excesso, os resultados são quase sempre demonstrativos em comportamentos negativos, que podem comprometer o sucesso da missão.

As acções do inimigo podem conduzir a situações de stress, mas a própria natureza da missão, os comandantes e a própria personalidade do soldado, contribuem para a existência de stress.

No caso específico das áreas edificadas, onde os combates são próximos e letais, deve-se diminuir ao máximo os factores causadores de stress nas forças. Exemplo disso é fazer uma rotação das unidades que tiveram expostas a factores de mais stress, como as unidades empenhadas durante algum tempo em situações de alta intensidade, ou ir alternando nos deslocamentos quem vai à frente.

O stress pode levar alguns elementos ao consumo de substâncias ilícitas e de álcool para se sentirem “descontraídos”, mas sabemos que este não é o caminho mais correcto para gerir o stress. (Field Manual 3-06, 2003, p.9-20)

Os comandantes devem estar atentos a estas conjunturas e gerir da melhor maneira a situação. O conhecimento dos homens que comandam pode evitar que tais situações ocorram.

Fratricídio

A probabilidade de ocorrerem fratricídios nas áreas edificadas é muito maior, devido à complexidade das próprias áreas edificadas e aos efeitos do próprio conflito, como o fumo, pó e incêndios.

Os efeitos dos fratricídios nas forças podem-se revelar devastadores para a coesão e moral das forças e perda da confiança na liderança e no armamento. Estes aspectos podem levar a hesitações em futuras operações no emprego do armamento e a um decréscimo da motivação das forças.

Logo, deve ser uma prioridade dos comandantes evitar que tal aconteça, dando primazia ao planeamento e à execução.

Se o planeamento de uma operação for simples e flexível, previne fratricídios, porque com um planeamento simples as medidas de coordenação tornam-se também mais simples e conseguem uma melhor percepção para os subordinados. Deve-se sempre ter planos de contingência já planeados, para todos saberem o que fazer se alguma coisa correr menos bem.

Deve-se também ter em atenção a execução, que deve ser monitorizada, nomeadamente, se o local onde o apoio se coloca é o mais adequado e calcular os efeitos do emprego do armamento²³.

A melhor maneira de prevenir fratricídios é realizar treinos, tendo em consideração as tarefas que cada elemento da força vai realizar. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.1-24)

População

Como foi referido anteriormente, a população é um elemento importante a ter em conta nas áreas edificadas²⁴.

É extremamente importante compreender a dimensão humana da aérea onde se está a actuar. Conhecer as características da população, as suas crenças e os seus interesses, pode fazer toda a diferença nas operações efectuadas em áreas edificadas.

Quando se actua num território de uma cultura diferente, basta um gesto ou uma palavra, para incentivar o mau-estar no seio da população, criando tensões e deterioramento das relações entre população e militares.

É de extrema importância que os comandantes militares tenham um conhecimento prévio da estratificação social da população naquela área. Só assim, poderão comunicar da melhor forma com os líderes dessa população, conseguindo perspectivar a opinião pública sobre a

²³ Por exemplo o uso de uma granada na entrada de um edifício. Se o material do edifício não for resistente pode fazer com que fragmentos desse material atinjam as forças amigas (vidros, madeira, etc.).

²⁴ Excepção feita se estivermos de a falar de operações ofensivas ou defensivas que decorram há muito tempo, em que a população foge das cidades, vilas ou aldeias para irem para locais mais seguros.

actuação da força, na área abrangente, e tentar influenciar o seu líder em prol da causa militar, uma vez que este tem o poder de influenciar a restante população.

A obtenção do apoio da população, por parte dos militares, traduz-se em mais-valias para o desenrolar das operações e para a imagem transmitida pelos media sobre a força. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.1-20)

Media

Segundo o regulamento de campanha (2005, parte II, p.1-3) “Os media têm uma influência poderosa na opinião pública da comunidade internacional, na do adversário e na da própria força”.

Este poder dos media surge principalmente nas áreas edificadas, porque neste ambiente, é mais fácil o acesso aos locais, para além de existirem infra-estruturas que permitem a divulgação do trabalho dos media.

Este poder que os media têm de influenciar a opinião pública, obriga os comandantes a trabalharem esta área, de modo a conseguirem obter uma imagem positiva²⁵, e a gerir os aspectos negativos das campanhas.

Entre os media e as forças deve existir uma relação de confiança e de respeito, mas cabe aos comandantes equilibrarem o número de informações e o seu conteúdo, para não por em causa a segurança da força.

2.3 - Tipos de Operações nas Áreas Edificadas

As áreas edificadas possuem particularidades que as distinguem de qualquer ambiente.

Em seguida, vamos identificar que tipos de operações podem ocorrer nas áreas edificadas e quais as suas principais características.

2.3.1 - Operações Ofensivas

A finalidade das “(...) operações ofensivas é destruir o inimigo pela aplicação dos meios de forma violenta e localizada(...)”. (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p.1-3)

As operações ofensivas nas áreas edificadas, são baseadas nas operações ofensivas em terreno aberto, mas com adaptações às características próprias das áreas edificadas.

As operações ofensivas nas áreas edificadas, caracterizam-se pela sua necessidade de tempo, pela obtenção de um maior número de homens e pela infantaria actuar apeada.

²⁵ Como já foi referido em cima uma boa imagem da população, em relação a força contribui para essa imagem positiva.

2.3.1.1 – Características das Operações Ofensivas nas Áreas Edificadas

Surpresa

“A surpresa baseia-se na velocidade, no segredo e na decepção, sendo fundamental na ruptura da coesão do adversário, permitindo alcançar resultados superiores ao esforço despendido” (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p.2-10).

A surpresa pode ser decisiva na ofensiva a áreas edificadas, uma vez que esta visa atacar a ameaça sem que ela esteja à espera numa área considerada segura, com um elevado potencial de combate para se verificar um rápido avanço das forças.

Para escalões mais baixos, a surpresa é obtida através de ataques assimétricos, porque não permite a ameaça responder com eficiência. Podendo utilizar-se forças especiais, quando a ameaça esta à espera de forças convencionais.

Este tipo de operações deve realizar-se durante a noite, de maneira a maximizar ao máximo o comando e controlo e as tecnologias disponíveis, tendo sempre em consideração as capacidades do inimigo. (Field Manual 3-06, 2003, p.6-5)

Concentração de força

Segundo o regulamento de campanha (2005, parte I, p.2-9) a concentração de forças é o potencial de combate “(...) concentrado no local e momento decisivos para garantir resultados igualmente decisivos. Uma força superior não é só uma questão de número, mas também de treino, coesão, moral, momento, selecção dos objectivos e utilização de tecnologias de ponta.”

Assim, com a concentração de força pretende-se reunir algum potencial num só ponto para abrir uma brecha, mas tem de se verificar uma sincronização de meios muito elevada, porque quem defende pode ter posições alternativas e suplementares, quem esta na ofensiva deve ser rápido a manobrar e a lançar o assalto.

Audácia

“O comandante deve ser audaz e explorar agressivamente todas as situações favoráveis.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p.3-2)

Nas operações ofensivas, em áreas edificadas, deve-se ser audaz, porque uma operação deste género tem uma dificuldade extrema, devendo-se aproveitar todas as oportunidades para conseguir obter sucesso.

Manobra

A manobra nas áreas edificadas difere da manobra das operações em terreno aberto devido à complexidade e aos riscos existentes neste ambiente, sendo estas operações mais lentas. Uma aplicação sincronizada do potencial de combate e uma correcta previsão da acção do inimigo confere vantagem às nossas forças e contribui para surpreender o inimigo.

O que também contribui para pode surpreender o inimigo, é uma rápida manobra, tendo sempre em atenção que ele pode ocupar as suas posições, caso a manobra não tenha o ímpeto desejado.

Isto quer dizer que uma vez que se inicia a manobra, esta não deve parar.

A manobra na ofensiva, em áreas edificadas, no que toca ao desgaste e consumo de recursos é considerada elevada, obrigando os comandantes a terem em atenção este aspecto e a que existam apoios logísticos a patrocinar a manobra.

A manobra deve ocorrer em períodos de visibilidade reduzida para se tirar partido das tecnologias disponíveis, como aparelhos de visão nocturna.

A manobra nas áreas edificadas não significa unicamente velocidade, mas sim, um balanço entre segurança, velocidade e poder de fogo. (Field Manual 3-06, 2003, p.6-4)

2.3.1.2 – Execução de uma operação ofensiva em áreas edificadas

Operações de Sustentação

Segundo o Manual de Campanha (2005, parte III, p.129) as operações de sustentação têm a finalidade de “(...) gerar e manter potencial de combate. São conduzidas por qualquer escalão e permitem a execução das operações de moldagem e decisivas (...)”.

As operações de sustentação na ofensiva nas áreas edificadas, têm uma enorme importância para manter o potencial do combate, nomeadamente, na protecção dos reabastecimentos, na segurança do restante da força (evitar contra-ataques por parte do inimigo), na protecção de zonas críticas, como pontes e túneis, e no controlo de movimentos. (Field Manual 3-06, 2003, p.6-6)

Operações de Moldagem

As operações de moldagem “(...) Apoiam a operação decisiva, afectando as capacidades do inimigo ou influenciando as suas decisões, para que utilizam todos os elementos do seu potencial de combate (...)” (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p.1-11)

As operações de moldagem na ofensiva a áreas edificadas devem isolar o inimigo para garantir o sucesso da missão. A operação de moldagem pode tornar-se na própria operação decisiva, dependendo da reacção do inimigo e do seu potencial.

Devido à natureza das áreas edificadas, para a execução da operação de moldagem, é necessário um elevado número de recursos.

Operações Decisivas

Quanto às operações decisivas, estas devem cumprir “(...) directamente, tarefas atribuídas pelo escalão superior e influenciam decisivamente o resultado das grandes operações (...). (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p.1-10)

As operações decisivas nas áreas edificadas, durante a ofensiva, rapidamente se desenvolvem para combates de pequenos escalões, esquadras, pelotões e companhias, porque cada um tem o seu objectivo específico.

O difícil comando e controlo e as restrições das comunicações, limita a capacidade de influenciar o desenrolar das operações dos comandantes de escalões mais altos.

Assim, os comandantes dos altos escalões têm de identificar os pontos decisivos, para o cumprimento da missão e qual a melhor maneira de a cumprir.

Para se obter sucesso neste tipo de operações é necessário um elevado número de infantaria, que constitui a base da força. Mas esta não deve actuar isolada, deve ser apoiada por outros sistemas de armas que se adequem ao ambiente (veículos blindados e fogo preciso, da artilharia ou de apoio aéreo).

Para o sucesso da operação decisiva, é necessária uma sincronização no emprego de todo o potencial de combate disponível. (Field Manual 3-06, 2003, p.4-8)

2.3.1.3 – Fases de uma operação ofensiva em áreas edificadas

A execução de uma ofensiva em áreas edificadas divide-se em três fases que devem estar coordenadas entre si e devem ter uma grande velocidade para impedir que o defensor reaja.

A primeira acção deve ser o isolamento da área, obtendo o controlo dos principais eixos de aproximação e garantindo posições que permitam o apoio para a abertura de uma brecha para um posterior lançamento do assalto e de ataques desorganizantes.

A segunda acção a ter numa operação ofensiva é o lançamento do assalto que “(...) consiste no avanço desde o perímetro da área defensiva até à conquista duma base firme em edifícios próximos.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p.11-6)

Quem ataca deve utilizar os cobertos e abrigos que o terreno proporciona, para surpreender as forças defensoras, tendo sempre em atenção ao controlo, que é crítico nestas operações e que contribui de forma decisiva para manter o ímpeto.

A limpeza, deverá ser a última acção da ofensiva em áreas edificadas e o seu objectivo é iniciar um combate com as forças inimigas para garantir que elas não actuam mais nessa área. A limpeza caracteriza-se por ser feita por baixos escalões de uma maneira descentralizada, muitas vezes recorrendo a equipas de demolição. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.4-45)

2.3.2 - Operações Defensivas

As operações defensivas nas áreas edificadas, caracteriza-se por ser “(...) organizada em terreno preparado e edifícios que preservam a integridade da defesa e facilitam o movimento ao defensor.” (Regulamento de Campanha, 2005, parte I, p.11-3)

2.3.2.1 – Características das Operações Defensivas nas Áreas Edificadas

Escolha do terreno

Como acontece nas operações defensivas em terreno aberto, o defensor tem a vantagem de escolher o terreno que vai defender e prepará-lo, incrementando o seu potencial de combate.

As áreas edificadas por si só fornecem cobertos²⁶ e abrigos²⁷ às forças defensoras, constituindo, desde logo, uma vantagem contra fogos inimigos.

Esta vantagem pode ser mais explorada se forem preparadas posições que confirmam mais protecção à força, de modo a que se consiga infringir mais baixas ao inimigo, isto apesar das áreas edificadas causarem alguma limitação na observação ao longo do perímetro de toda a área edificada. (Field Manual 3-06, 2003, p.7-2)

Esta limitação de observação deve ser colmatada pelo apoio mútuo entre forças em todas as direcções, para evitar infiltrações inimigas.

As áreas edificadas restringem a manobra, que pode-se tornar mais restrita se forem preparados obstáculos que canalizem as forças inimigas para zonas de morte. Para quem defende o conhecimento dos itinerários torna-se uma grande vantagem, porque permite as forças manobrar no interior da sua defesa, nomeadamente forças de reserva, que assim conseguem deslocar-se mais rápido.

Factor Humano nas Operações Defensivas

Este factor tem um peso específico para as áreas edificadas, porque pode influenciar a própria segurança da força, dependendo se apoia ou não a sua presença e a sua missão.

A sua presença até pode ser benéfica para as forças que defendam, se eles apoiarem essa mesma força, nomeadamente no alerta de infiltrações inimigas, na preparação das posições e no mascaramento destas preparações.

Caso a população seja hostil, pode fornecer dados sobre a nossa força, em relação ao número de elementos, ao tipo de armamento, à localização da força e possíveis lacunas na defesa. Pode ainda auxiliar uma infiltração inimiga.

Os comandantes devem estar atentos ao factor humano que pode trazer vantagens ou desvantagens à força. (Field Manual 3-06, 2003, p.2-14)

Surpresa

A surpresa causa efeitos desmoralizadores ao inimigo através da utilização de armadilhas, o que contribui para o sucesso da defesa. (Regulamento de Campanha, 2005, parte III, p.1-3)

²⁶ Cobertos – Local que confere à força protecção das vistas.

²⁷ Abrigos – Local que confere à força protecção de fogos directos e indirectos.

O conhecimento do terreno deve permitir às forças, que defendem, maximizar o seu potencial de combate surpreendendo quem esta na ofensiva, podendo mesmo realizarem contra-ataques utilizando itinerários desenhados previamente reconhecidos, actuando agressivamente contra a ofensiva de modo a desorganizar o ataque, aproveitando as dificuldades de comando e o controlo, próprio das áreas edificadas, que se deve fazer sentir mais, em quem ataca (quem defende prepara a posição, conhece o terreno e pode melhorar as comunicações através de comunicações por fio).

Flexibilidade

As forças que defendem devem ser flexíveis, isto é, terem a capacidade de se adaptarem a uma situação o mais rapidamente possível e com a máxima eficiência.

No planeamento de uma defesa, deve-se sempre ter planos de contingência para fazer face a qualquer situação. E deve sempre estar previsto, posições alternativas e suplementares, apesar das áreas edificadas poderem ser rapidamente adaptadas para a defesa, com ou sem preparação.

O defensor conhece o terreno onde esta a actuar, logo deve tirar partido dessa vantagem, planeando as operações com o máximo rigor para essa vantagem se materializar sobre o inimigo. (Field Manual 3-06, 2003, p.7-4)

2.3.2.2 – Execução de uma operação defensiva em áreas edificadas

A execução de uma operação defensiva em áreas edificadas não deve permitir ao atacante progredir, apoiando-se na cobertura que os edifícios lhe conferem instalando-se nos edifícios.

Logo, as posições de quem está a defender não devem ser demasiado evidentes, mas devem ao mesmo tempo bater o inimigo e possibilitar o emprego de todo o potencial de fogo da força.

As forças devem estar instaladas de modo a evitar que sejam cercadas e que fiquem isoladas. Assim, é necessário garantir a defesa em todas as direcções, o que obriga as forças a ter os campos de tiro cruzados, apesar de os campos de tiro serem mais curtos.

A preparação de obstáculos para o inimigo e um conhecimento profundo da área onde as forças estão a actuar, confere ao defensor vantagem sobre o inimigo. (Field Manual 3-06, 2003, p.7-12)

2.3.3 - Operações de Apoio à Paz

As operações de apoio à paz segundo o manual de combate em áreas edificadas (Fevereiro 2006, p.170) pode ser definida "(...) como a aplicação de medidas diplomáticas, militares ou humanitárias, com o acordo das principais partes envolvidas para facilitar a obtenção de paz e em que é autorizado o uso de armas em situações bem definidas."

2.3.3.1 – Características das Operações de Apoio à Paz nas Áreas Edificadas

Neste tipo de operações, deverá verificar-se um acordo entre as parte que estão envolvidas, onde a imparcialidade das forças deve vigorar, nomeadamente, no que diz respeito aos costumes das populações. Caso seja necessário, utilizar a força, esta deve ser proporcional à que foi utilizada pela ameaça, tendo sempre em atenção as regras de empenhamento. (Manual de CAE, 1996, p. 173)

Segurança da força

Em Operações de Apoio à Paz a segurança da força tem uma extrema importância porque, se não se verificar uma segurança mínima, parte da força poderá retirar-se e o conflito evoluir para as chamadas operações convencionais²⁸.

Capacidade de adaptação

A força tem de ter a capacidade de se adaptar a qualquer evolução da operação, devendo ter uma enorme capacidade de flexibilidade no emprego dos meios.

Regras de Empenhamento

As regras de empenhamento devem ser muito claras quanto ao emprego da força, o que a força pode fazer, ou não, como emprega os seus recursos e qual o seu modo de actuar. Estas regras devem estar sempre presentes em quem está a actuar neste tipo de operações, para evitar um emprego excessivo da força que pode ser interpretado como favorecedor de um dos beligerantes.

População civil

A presença de civis neste tipo de operações é muito comum, logo a necessidade de saber lidar com as populações para dar credibilidade à força.

²⁸ Depende do tipo de OAP.

Capítulo III – SNIPER

3.1 – Caracterização do Sniper

3.1.1 – Sniper

O termo sniper tem evoluído ao longo dos tempos, e é muito importante conhecer e compreender a sua evolução, para melhorar o seu emprego na contemporaneidade²⁹.

Actualmente um sniper é um indivíduo seleccionado, treinado e equipado com uma arma e alça telescópica, que lhe permita executar tiro a curtas, médias e longas distâncias com grande precisão. São peritos nos deslocamentos, sem serem detectados, podendo causar muitas baixas, atrasar os deslocamentos, desmoralizar o inimigo, criar confusão no seio do inimigo, realizar missões de recolha de informação e observação³⁰.

Um sniper tem de ter inerente uma disciplina e um rigor muito apurados, assim como, um aproveitamento durante a sua preparação que é muito específica, porque tem de dominar recursos que requerem muita técnica. Esta técnica tem de ser perfeita para assegurar o máximo de efeitos e correr os mínimos riscos. (Field Manual 23-10, 1994, p.1-1)

3.1.2 – Trained Marksman (Atirador Especial)

É um atirador equipado com uma espingarda, que possui a capacidade de realizar tiro acima de média. Pode ter uma alça na sua arma, o que lhe permite regular o tiro de um modo mais preciso e a uma distância maior.

Este atirador pode fazer parte da orgânica das forças armadas de inúmeros estados ou estar associado a guerrilhas, podendo ou não usar uniforme, conforme o caso específico deste.

É empregue de acordo com a doutrina da força a que pertence, mas pode realizar diferentes missões como causar baixas, desorganizar, desorientar uma força e obrigar a força a reagir e a atrasar o seu deslocamento. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.6-7).

3.1.3 – Atirador Furtivo

O atirador furtivo é o mais difícil de caracterizar porque pode ter diferentes origens e motivações, mas caracteriza-se por surgir essencialmente nas áreas edificadas. Não usa nenhum fardamento que permita a sua identificação, o que lhe permite dissimular-se com população.

²⁹ Anexo B – Evolução Histórica do Sniper

³⁰ Devido ao material orgânico que lhe é atribuído. (Binóculos, rádio, mira telescópica, aparelhos de visão nocturna, etc.)

Este atirador pode ter formação militar e conhecimentos técnicos, ou não ter nenhuma prática militar, mas possuir alguma experiência no manuseamento do armamento, no tiro e no combate em áreas edificadas.

Pode realizar, ou não, tiro mais ou menos ajustado, depende do armamento que possui, dos conhecimentos sobre esse armamento, se tem formação militar e se essa formação lhe deu valências para realizar tiros ajustados, sem esquecer o grau que tem de experiência no combate.

Geralmente não têm definido alvos prioritários mas aqui, mais uma vez, tem de se ter em conta a experiência, conhecimentos e motivações do atirador. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.6-7)

3.2 – Características dos Snipers

3.2.1 – Missão

“Eliminar o c4³¹, de dia ou de noite, sob quaisquer condições meteorológicas ou climatéricas e em todas as fases da guerra.

Posteriormente, actuar como posto de observação (PO) para produzir informação adicional do campo de batalha, assim como, regular fogos indirectos se necessário.” (Manual Sniper, 2004, p.9)

O sniper consegue apoiar operações de combate através do emprego de fogos de precisão a longas distâncias sobre objectivos previamente designados, causando baixas ao inimigo, reduzindo a sua velocidade de progressão, baixando a sua moral e lançando a confusão (Field Manual 23-10, 1994, p.1-1).

O sniper tem como principal valência realizar tiros a grandes distâncias, mas pode também realizar tiros a curtas distancias e operar em conjunto com outras forças.

Com o aparecimento de armas com calibres pesados e de projecteis incendiários e explosivos, o sniper ganha uma nova dimensão, com a possibilidade de atingir alvos com elevado interesse tático e estratégico.³²

3.2.2 – Selecção e Treino

Os candidatos a sniper devem ser voluntários, mas querer por si só, pode não ser suficiente, porque os snipers devem ter inerentes a eles determinadas características essenciais, como

³¹ Comando, controlo, comunicações, computadores e informações.

³² Exemplo de alvos a atingir com importância tática ou estratégica: Plataformas de lançamento de mísseis, que são óptimos alvos pela fragilidade dos seus depósitos de combustível e pelas características do próprio combustível; Estações de radar de controlo aéreo; Imobilização de viaturas com blindagem ligeira.

ser maduro, calmo, paciente, emocionalmente estável, não deve fumar nem beber em excesso bebidas alcoólicas.

Quanto ao nível físico deve possuir bons reflexos, bom controlo muscular, boa condição física e não deve ter problemas de visão.

Encontrar um militar com todas estas características, é difícil. Mas alguém que tenha grande parte delas pode potenciá-las ainda mais e desenvolver as que não possui através de um treino intensivo.

Na formação de um sniper, o treino assume um papel fulcral, não só para desenvolver e potenciar as características referidas, mas para habilitar o candidato a ter a máxima eficiência quando se deparar com uma missão.

Desta forma um candidato a sniper deve ter aproveitamento em áreas como: O tiro; a observação; avaliação de distâncias; navegação; camuflagem; perseguição; conhecimentos teóricos sobre a aplicação do sniper. (Field Manual 23-10, 1994, p.1-4)

3.2.3 – Princípios de emprego

O emprego do sniper muda consideravelmente de cenário para cenário de guerra, de uma situação táctica para outra, mas no entanto certos factores relativos ao seu emprego permanecem constantes:

Controlo

O sniper deve ser comandado ao mais alto nível, sendo que, o planeamento das suas missões devem ser muito cuidadosas e meticulosas, onde deve-se ter em atenção alguns aspectos como, coordenações com outras unidades, planeamento de fogos de apoio e uma grande preocupação com a transmissão da intenção do comandante. (TC 23-14, 1989, p.5-1)

Seleção criteriosa de alvos

Os comandantes devem “assegurar-se que não são atribuídos alvos, a mais do que a uma equipa ao mesmo tempo” (Manual Sniper, 2004, p.11), porque em algumas missões o número de equipas pode ser mais do que uma, dependendo do efectivo do inimigo e das suas características. (TC 23-14, 1989, 5-1)

Emprego da parelha Sniper

Os snipers devem ser treinados para actuarem por parelhas, só em ocasiões específicas é que podem actuar isoladamente, pois só assim conseguem manter uma constante observação sobre o alvo ou sobre uma área.

Ao actuarem como equipa podem apoiarem-se um ao outro no cálculo de distâncias para a execução de tiro e na sua segurança. Esta pendência é crítica em momentos como a preparação de uma posição, na alimentação ou no descanso. (Manual Sniper, 2004, p.12)

Protecção local e da retaguarda

As missões dos snipers podem-se realizar a grandes distancias, então para garantir a sua protecção, deve ser planeado apoio de fogos, ou coordenações com forças que se encontrem perto do local onde a operação vai decorrer. (Manual Sniper, 2004, p.12)

Regras de Empenhamento

Os snipers devem-se identificar com as regras de empenhamento, estando absolutamente seguros de quando podem abrir fogo.

Em determinadas situações, para fazer fogo pode ser necessário a obtenção de autorização do escalão superior. (Manual Sniper, 2004, p.13)

Terreno e condições meteorológicas

O terreno e as condições meteorológicas influenciam o desempenho do sniper. O seu emprego não se deve verificar em áreas sem possibilidade de observação ou quando as condições meteorológicas não permitem efectuar um tiro certo³³. (Manual Sniper, 2004, p.13)

Camuflagem

O sniper tem de ser um perito na camuflagem, porque esta é a garantia para que o inimigo não o consiga detectar.

A camuflagem do sniper tem ter o máximo possível de pormenores. Camuflam a cara e as mãos com sticks, usam um fato com uma diversidade de cores e padrões que se adequa à área onde vão actuar e camuflam o equipamento, nomeadamente, a arma e a alça telescópica, de modo a conseguir tirar o máximo de rendimento. (Field Manual 1-3B, 1976, p.4-9)

3.2.4 – Armamento e equipamento

Como já foi referido, o sniper tem a capacidade de fazer fogo ajustado a grandes distâncias e possui capacidade para realizar missões muito específicas.

Mas para realizar tais missões, para além necessitar de formação, necessita de material muito específico que melhora a precisão do seu tiro.

³³ Depende do tipo de armamento, da distância a que pretende fazer o tiro e das próprias condições meteorológicas (vento, chuva, etc.).

Assim, vamos analisar algum material que o sniper utiliza para o cumprimento das suas diversas missões³⁴.

Armamento

O armamento que o sniper utiliza é especialmente concebido para realizar tiros a grandes distâncias com uma enorme precisão.

As armas snipers, para terem mais precisão, geralmente não possuem partes móveis, ou seja, utilizam uma culatra de ferrolho. Isto porque, qualquer movimento que ocorra no interior da arma após o disparo provoca pequenas oscilações que tem grandes implicações no alvo.

Os canos das armas sniper são mais compridos para permitir que a carga propulsora queime por completo e o gatilho é polido para o atirador ter mais sensibilidade e, assim, melhorar o controlo sobre o seu disparo.

Os snipers têm de ter capacidade de fazer fogo com armas sniper ligeiras e armas sniper pesadas.

As armas ligeiras sniper são armas com calibre de 7,62mm e as armas pesadas são armas com calibres 12,7mm ou 14,5mm.

As principais diferenças entre as armas ligeiras e pesadas são os alcances de uma e de outra e a capacidade de penetração. As armas snipers pesadas são usadas essencialmente para destruir material.

Munições

Como já referido, existem armas sniper ligeiras e pesadas, sendo que, o que as distingue é o calibre e conseqüentemente o efeito no alvo.

As munições utilizadas pelos snipers são diferentes das utilizadas pelo grosso da força. São especialmente concebidas para alcançarem distâncias maiores e atingirem o alvo com mais precisão.

Estas munições podem variar de missão para missão, podendo ser explosivas de fragmentação ou incendiárias. (PEGLER, 2004, p.327)

Mira Telescópica

A mira telescópica é acoplada à arma e permite ao sniper detectar e fazer pontaria com mais eficácia e precisão porque possui um retículo. Quando se usa uma mira telescópica, é possível focar o alvo e colocar o retículo em cima deste ao mesmo tempo. A alça telescópica amplia a visão através desta e conseqüentemente, a resolução do alvo, que fica mais defenido. (Field Manual 23-10, 1994, p.2-22)

³⁴ Anexo C – Armamento e Equipamento de um Sniper.

As alças permitem ao sniper realizar tiros a grandes distâncias com precisão, porque é possível inserir nas alças valores.

A realização de qualquer tiro sofre inúmeras influências, desde a temperatura, ao vento, à altitude, à pressão atmosférica. Neste caso específico, estes factores vão influenciar de maneira mais vincada o seu tiro, devido à distância a que se realiza, e pelo tempo que o projectil demora até atingir o alvo.

Os snipers têm de efectuar cálculos para determinar que valores é que vão introduzir na alça, para compensar estas influências. Estes ajustes são feitos em elevação e em direcção. (PEGLER, 2004, p.327)

Aparelhos de Visão nocturna

O sniper possui equipamento que lhe dá uma nítida vantagem durante a noite, os chamados aparelhos de visão, mas para realizar tiro às mesmas distancias que de dia é impossível.

Para se realizar tiro a mais de 400m é necessário treinar muito, e sempre que se acopla estes aparelhos às armas estas têm-se de zerar³⁵. No entanto, actualmente já existem aparelhos de visão nocturna em que é suficiente acopla-los à mira telescópica sem ser necessário zerar a arma. (Manual Sniper, 2004, p.58)

Este exemplo é perceptível do constante desenvolvimento destes aparelhos, constituindo também um factor de preocupação para os snipers, porque estes aparelhos facilitam a sua detecção. É o caso dos aparelhos térmicos que conseguem detectar um ser humano pelo calor que o seu corpo emite. (PEGLER, 2004, p.331)

Binóculos

A equipa sniper possui também binóculos, o que lhe confere uma grande capacidade de observação e conseqüentemente de encontrar alvos.

Mas actualmente os binóculos não servem só para observar, conseguem também calcular distâncias, uma vez que possuem raios infravermelhos emitidos na direcção do alvo, e que posteriormente calculam o tempo que demora o reflecto a chegar novamente aos binóculos. Estes binóculos revelaram-se numa mais-valia para o sniper que consegue identificar com mais precisão as distâncias dos alvos, para depois efectuar os cálculos determinando quais os valores a inserir na mira telescópica. (TC 23-14,1989, 2-35)

³⁵ Alinhamento da mira ou alça telescópica com o cano. Quanto mais correcto for esse alinhamento maior é a probabilidade de acertarmos no alvo. (Field Manual 3-22.9, 2003, p.5-14)

Comunicações

Os snipers realizam missões a grandes distâncias e como já foi referido, podem precisar de comunicar qualquer contingência. Sendo assim, devem ter um rádio para comunicarem com o escalão superior ou com a unidade com que actuam.

Outro material

O tiro que o sniper realiza sofre muitas influências, este tem de ter em conta vários factores que vão influenciar o tiro, como a distância do alvo, a temperatura, o vento, a altitude a que se encontram e a pressão atmosférica. A parelha sniper tem de efectuar cálculos para inserir valores na mira telescópica, mas actualmente já existe material que consegue determinar qual a altitude, a pressão atmosférica e a intensidade do vento de forma muito rigorosa, que são chamadas as estações meteorológicas. Existe também um relógio, utilizado pelos snipers, que tem a capacidade de realizar os cálculos de todos os elementos que influenciam o tiro. Ou seja, o sniper só tem de recolher os dados fornecidos pela estação meteorológica e a distância a que se encontra do alvo (através dos binóculos) e introduzir os dados no relógio.

3.2.5 – Modo de Operar

3.2.5.1 – Parelha Sniper (Isoladamente)

O método que os snipers utilizam para se infiltrarem num determinado local, para a realização de uma missão, deve ser o que apresenta menos probabilidade de ser detectado pelo inimigo.

Esta infiltração pode ser feita, pelo ar, pela água ou em terra (veículo ou integrar num força). (Field Manual 23-10, 1994, p.6-1)

A fase de execução consiste no espaço de tempo que o sniper utiliza, desde a infiltração até à exfiltração, para o cumprimento da missão.

Na execução, o sniper tem de se deslocar desde o ponto de infiltração até à área da missão, escolher a melhor posição de tiro e deslocar-se até ao ponto de exfiltração. (Field Manual 23-10, 1994, p.6-10)

A exfiltração deve ser realizada o mais rápido possível, depois de a missão estar cumprida. Esta requer coordenações com outras forças (local, hora).

A exfiltração, como a infiltração, pode ser feita, pelo ar, pela água ou em terra. (Field Manual 23-10, 1994, p.6-13)

3.2.5.2 – Com outras forças

As equipas sniper podem ser atribuídas a uma unidade, sendo que, estas equipas devem encontrar-se sob um comando centralizado e ao mais alto nível.

Neste caso, pode ser nomeado um oficial sniper para efectuar a ligação entre a equipa sniper e a força.

O oficial nomeado para a ligação deve aconselhar o comandante da força sobre o emprego das equipas sniper, atribuir missões ao comandante da equipa, rectificar missões e tipos de emprego, coordenar as acções entre o comandante da unidade e o comandante de equipa, e briefar o comandante da unidade e comandante da equipa. (Field Manual 23-14, 1989, 6-10)

3.2.7 - Luta anti-sniper

Os recentes conflitos confirmam que a melhor defesa contra um sniper é outro sniper melhor treinado, equipado e armado. Na luta anti-sniper existem três fases: (Manual Sniper, 2004, p.74)

- Detecção

É muito difícil detectar um sniper, não só pela diversidade de posições de tiro e pelos cuidados em relação à camuflagem, mas também porque após cada disparo este muda de posição;

- Localização

Com o intuito de separar o ruído do disparo do sniper inimigo, dos restantes ruídos circundantes, é montada uma rede de observadores, ajudados por aparelhos de localização, que fazem uma apreciação precisa dos impactos e indicam o ponto de origem dos disparos inimigos;

- Neutralização

Após a detecção e/ou localização precisa do atirador inimigo, procede-se à sua eliminação, recorrendo-se a outros snipers, fogo de armas automáticas ou morteiros, dependendo da situação e características do local.

Com o desenvolvimento das tecnologias, foram desenvolvidos novos métodos para detectar e localizar um sniper³⁶.

³⁶ Anexo D – Aparelhos para detectar um sniper.

Capítulo 4 – OS SNIPERS NAS ÁREAS EDIFICADAS

4.1 – Capacidades e Lacunas do Sniper nas Áreas Edificadas

O emprego do sniper seja em que missão for, tem de se adequar ao tipo de terreno onde a missão se vai realizar, e neste caso o sniper tem de se adaptar à área edificada onde vai actuar.

As áreas edificadas caracterizam-se pela dificuldade de comando e controlo que existe, o que obriga os snipers a estarem identificados com o conceito de operação do seu comandante e com as regras de empenhamento da missão em que se encontram enquadrados.

Os snipers podem actuar em conjunto com outra força, aproveitando o alcance das suas armas para apoiarem essa mesma força sem se esporem, utilizando as boas protecções que as áreas edificadas possuem.

Os snipers podem ter de se deslocar para garantir o apoio da força em que estão integrados, isto pode aumentar o risco de serem detectados pelo inimigo assim, devem utilizar os itinerários mais desenfreados possíveis para não se exporem, como por exemplo esgotos e túneis do metro.

Os snipers devem evitar posições de combate muito óbvias, como o cume de igrejas e dos telhados, porque a probabilidade de serem detectados por forças hostis, torna-se maior.

Uma grande vantagem do sniper nas áreas edificadas é o fogo de grande precisão que consegue realizar, o que numa área de operações, onde existem muitos civis, torna-se muito útil para evitar danos colaterais.

As populações podem influenciar muito as operações em áreas edificadas, e conseguir a identificação das populações com a causa da força, só traz vantagens. O emprego dos snipers para evitar danos colaterais transmite uma mensagem de preocupação com os civis, o que pode influenciar as suas opiniões em prol da força.

Este aspecto, por sua vez, vai ter efeitos nos media, que cada vez mais têm uma presença activa nas áreas edificadas. Se os media tiverem uma boa impressão da força, fruto das opiniões e acções das populações, transmitem-na ao mundo.

Os snipers devem realizar tiro sem serem detectados, aproveitando as excelentes condições que existem nas áreas edificadas (aproveitar as sombras que existem dentro dos compartimentos, fazer um orifício numa parede para realizar o tiro ou construir uma parede falsa) o que diminui a moral das forças opositoras e abrevia a possibilidade, das medidas contra-sniper, terem sucesso.

A equipa sniper também pode ser empregue nas áreas edificadas, podendo ter missões de observação, regular fogos indirectos, eliminação de uma alta entidade, eliminação de alvos de oportunidade e destruir material inimigo.

Ao nível da observação, pelos equipamentos que dispõem, como binóculos, aparelhos de visão nocturna e a própria mira telescópica, o sniper pode recolher muitas informações importantes para o escalão superior.

Os snipers, em alguns casos não conseguem tirar partido de todas as suas capacidades, principalmente na distância a que realizam tiro, porque as áreas edificadas, possuem muitas restrições ao nível dos campos de tiro (muitos edifícios).

Os snipers, estão susceptíveis de ficarem isolados, porque com as dificuldades de comando e controlo, podem ficar alheios a qualquer mudança repentina nas operações, para além de poderem ser obrigados a permanecerem no mesmo local, durante tempo indeterminado, por se aperceberem que existem snipers inimigos com a possibilidade de os referenciar.

Os snipers devem possuir características como, uma boa capacidade física, ser calmo, paciente e emocionalmente estável. Estas características no caso dos snipers que actuam nas áreas edificadas, devem estar muito mais vincadas, porque os snipers são sujeitos a situações exigentes causadoras de muito stress. Exemplo disso, é o sentimento de isolamento que se pode apoderar do sniper, que associado a um cansaço extremo e à carência de alimentos tornam estas situações de stress muito prováveis de acontecer.

4.2 – O Emprego dos Snipers

As características das áreas edificadas influenciam o emprego do sniper, mas este tem de ter sempre em atenção a localização do alvo relativamente à sua posição.

Os comandantes responsáveis pelo emprego de snipers devem inculcar no sniper a sua intenção e atribuir uma área geral onde este vai actuar, porque a colocação dos snipers propriamente dita fica ao critério do sniper que analisa a área onde vai actuar e escolhe a melhor posição para o cumprimento da missão. O sniper deve planear posições alternativas e suplementares que contemplem a sua área de responsabilidade.

Para o cumprimento da sua missão e para a correcta escolha da sua posição, os snipers têm de ter em atenção determinados factores, como por exemplo:

- A sua localização e as possíveis localizações de snipers inimigos, tendo em conta que, ambos podem estar no interior ou no exterior de um edifício ou ambos;
- Os alcances e ângulos de tiro que a sua localização no edifício permite. Nas áreas edificadas os snipers podem ter campos de tiro muito reduzidos para as capacidades que o armamento e formação lhes permitem realizar, podem ter ângulos mortos da posição em que se encontram, podendo nestas situações serem detectados pelo inimigo.
- As características do local onde se vão instalar também são importantes, nomeadamente, na protecção que o local lhe confere (madeira ou de maçonaria e proximidade de janelas) e da própria visibilidade do local para o objectivo. É de frisar que a visibilidade pode ser

influenciada pelo pó existente no ar, pelo fumo e pela envolvente do próprio local (edifícios que limitem os campos de tiro, árvores, etc.).

4.2.1 – Sniper na Ofensiva em Áreas Edificadas

As operações ofensivas visam destruir o inimigo e a sua vontade de combater. De seguida, vamos analisar como os snipers podem ser empregues neste tipo de operações nas áreas edificadas.

Durante a execução de uma acção ofensiva nas áreas edificadas existem varias acções, sendo a primeira o isolamento. O sniper nesta acção pode fazer executar tiro a longas distâncias para alvos de oportunidade. Devem instalar-se antes do grosso da força chegar, aproveitando as suas técnicas de progredir sem serem detectados, para observar a actividade inimiga.

Quanto à segunda acção, que é o lançamento do assalto, o sniper pode continuar na mesma posição, a apoiar as forças a lançarem o assalto, ou avançam e assumem novas posições, já dentro das áreas edificadas, para a continuação do ataque. Ao assumirem novas posições têm de ter em consideração a sua zona de acção e o apoio que vão dar às unidades de infantaria, não estando muito próximos destas, para não serem atingidos por fogos inimigos.

Nesta fase podem existir equipas sniper com outras missões, que não o apoio à infantaria, nomeadamente, atingirem alvos de oportunidade ou estarem atentos a snipers inimigos.

Na terceira fase, que é a limpeza, os snipers podem assumir posições de apoio a quem realiza a limpeza, e estarem a tentos a possíveis reorganizações do inimigo. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.6-3)

4.2.2 – Sniper na Defensiva em Áreas Edificadas

Os snipers em operações defensivas nas áreas edificadas, devem ser empregues de modo a que se tire o máximo partido das suas valências aproveitando o terreno.

Assim, os snipers devem estar posicionados de modo a que cubram os eixos de aproximação mais prováveis do inimigo, tirando partido da sua capacidade de fazer tiro a longas distâncias e da sua capacidade de observação. Nestes casos podem ter missões de contra reconhecimento, eliminando elementos do reconhecimento inimigo, cobrir obstáculos colocados pelas nossas forças e destruir alvos de oportunidade, como guarnições de metralhadoras, comandantes, condutores de veículos ou snipers inimigos.

No caso de existirem várias equipas sniper numa defensiva em áreas edificadas, a sua colocação deve ser de modo a que consigam ter apoio mútuo, devendo ter posições suplementares para garantirem a sua segurança à medida que o inimigo se aproxima das posições defensivas.

Os snipers podem também ter a missão de proteger os flancos e a área da retaguarda das posições defensivas, aproveitando a excelente capacidade de observação do sniper. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.6-3)

4.2.3 – Sniper nas Operações de Apoio à Paz em Áreas Edificadas

Os snipers nestas operações têm como missões principais, eliminar qualquer ameaça para a população ou para as forças que estão a actuar no território, para manter a paz e recolher informações sobre as ameaças e sobre actividades suspeitas.

Os snipers, pela existência da população, podem ter de actuar em situações em que são feitos reféns, utilizando a sua capacidade de precisão no tiro, para não ferir civis. Com estas acções, a força ganha credibilidade no seio da população, demonstrando que estão a actuar no sentido de garantir a paz e não de causar mortes inocentes.

Os snipers, como qualquer elemento da força de apoio à paz, tem de obedecer às ROE. Ou seja, o sniper para fazer fogo neste tipo de operações pode necessitar da autorização do seu comandante. (Field Manual 3-06.11, 2002, p.6-5)

Conclusão

No decorrer da investigação, esteve sempre presente a importância em dar resposta à questão central do estudo, “Justifica-se o emprego de snipers nas áreas edificadas?”.

Para responder a esta questão, recorri ao levantamento de questões derivadas com o intuito de encaminhar o estudo à conjuntura proposta. As questões derivadas foram:

1. Perante o actual Ambiente Operacional justificam-se as operações em Áreas Edificadas?
2. Serão as Área Edificadas uma área de operações com características próprias?
3. Serão os Snipers combatentes com características próprias?
4. As características dos snipers adequam-se ao combate em áreas edificadas?

Desta análise, posso concluir que as áreas edificadas assumem um papel preponderante no actual ambiente operacional. Este factor deve-se às características da ameaça, onde se prevê que os conflitos sejam assimétricos, ou seja, entre beligerantes com potenciais distintos. No entanto, não se resume unicamente à ameaça, temos de ter em atenção outros factores, como a globalização que pode promover a dicotomia entre os estados desenvolvidos e os não desenvolvidos, a tecnologia que influencia o emprego da força, as mudanças demográficas, urbanização e escassez de recursos, que contribuem para uma maior concentração de população em aglomerados urbanos e para prováveis disputas entre as populações e grupos organizados.

Posteriormente, analisei as características das áreas edificadas e de que modo é que essas características influenciam as operações. Dessas características destacam-se, a presença de civis, o combate tridimensional e os media, que vão influenciar de maneira decisiva o emprego das forças, tornando esta área de operações distinta das operações convencionais, sendo essencial um planeamento muito rigoroso e um conhecimento aprofundado da área onde se vai actuar para o sucesso das operações.

Após o estudo das áreas edificadas, debrucei-me no conceito sniper, onde constatei que este possui características muito específicas que o distinguem do atirador comum. Essas diferenças começam com o armamento e equipamento que utilizam, pela própria formação e treino, e pelo emprego que estes têm no campo de batalha.

No último capítulo, fiz a ponte de ligação entre as características das áreas edificadas e dos snipers, tecendo vantagens e desvantagens do emprego do sniper nessa área de operações.

Concluída a investigação teórica, do assunto a que me propus estudar, posso concluir que o emprego de snipers nas áreas edificadas é justificável.

Um dos factores que contribui para justificar o seu emprego é a capacidade de realizar tiro com grande precisão, o que diminui a probabilidade de causar baixas na população civil,

contribuindo para melhorar a imagem da força perante a população e perante os media, permitindo afectar o psicológico e moral do inimigo, o que pode dissuadir muitas acções que estes queiram realizar, pela eficácia que têm. O efeito psicológico que os snipers conseguem infringir na ameaça, está directamente relacionado com os efeitos que as armas pesadas do sniper têm nos alvos.

Este tipo de armamento, que foi utilizado pela primeira vez na operação “desert storm”, tem a capacidade de destruir material inimigo e de perfurar algumas blindagens, mas a sua utilização tem ganho cada vez mais ênfase pelos efeitos psicológicos que causam na ameaça.

Os snipers podem também realizar missões de observação de um determinado sector e eliminar alvos de oportunidade. Sem esquecer que têm de obedecer às ROE, sendo por vezes necessário a autorização superior para se eliminar algo ou alguém.

Estas missões de observação podem revelar-se muito importantes, onde a recolha de informações pode ser de extrema importância para os comandantes, para estes anteciparem qualquer situação anormal.

Mas, sem dúvida, o papel fulcral dos snipers nas áreas edificadas é o seu apoio às forças. Este apoio pode ser feito nos deslocamentos de uma força, onde os snipers podem detectar movimentos suspeitos, numa determinada área, e alertar previamente a força para essa situação. Ou caso não se detecte essa situação com antecedência, quando a força for batida, os snipers deslocarem-se para um local onde consigam apoiar a força que está a ser batida. Pode acontecer que os itinerários estejam planeados de maneira a que os snipers consigam apoiar a força ao longo de todo o deslocamento.

O apoio à força, não se limita aos deslocamentos destas, destaca-se também na luta anti-sniper, uma vez que nas áreas edificadas podem surgir, snipers, atiradores especiais ou atiradores furtivos, inimigos, estes aproveitam as boas protecções das vistas para realizarem tiro sem serem detectados. Os snipers conseguem fazer face a estas possíveis ameaças, porque a melhor maneira de fazer face a um sniper é o uso de outro sniper.

Algumas das características das áreas edificadas, favorecem o emprego de snipers, como é o caso do terreno ser tridimensional que permite o sniper deslocar-se sem ser detectado, utilizando os itinerários mais desenhados, onde se destacam os itinerários subterrâneos.

Outra característica que favorece o seu emprego são os inúmeros locais que o sniper tem para realizar tiro e a protecção que esses mesmos locais lhe conferem, tornando a sua detecção e localização extremamente difícil.

Nas áreas edificadas, também surgem algumas limitações ao emprego dos snipers. Essas limitações, prendem-se essencialmente com o facto de um sniper ter muitas dificuldades em tirar o máximo partido do alcance do seu armamento, este só se verifica em algumas fases das operações ofensivas e defensivas. O que não permite o sniper tirar o máximo

rendimento do seu armamento, está relacionado com as características das áreas edificadas, onde existem muitas obras do ser humano o que reduz os campos de tiro.

Outra limitação do emprego do sniper nas áreas edificadas prende-se com o elevado consumo de munições que se verifica nas áreas edificadas por estas serem instintivas e brutais. O armamento do sniper não permite realizar tiro com uma cadência elevada, o que obriga o sniper a ter para sua protecção próxima outro armamento e um cuidado redobrado nos seus deslocamentos que se deve acentuar se as populações forem hóstis.

Mas apesar destas restrições, o emprego do sniper nas áreas edificadas justifica-se na medida em que constitui uma mais-valia para os comandantes, podendo o seu empenho influenciar o desenrolar dos combates de maneira decisiva.

Os snipers podem ser empregues em operações ofensivas, defensivas ou em OAP. Isto reforça a ideia da importância que eles poderão assumir em futuras operações, e como a formação de snipers poderá constituir uma mais valia para futuras operações.

Com a realização do estudo percebi que o emprego dos snipers, com o grosso da força, constiu-se como fundamental para as áreas edificadas. Tendo como base esta investigação, poderá ser interessante aprofundar e realizar um estudo no âmbito português para determinar se a orgânica dos Batalhões de Infantaria deve ser alterada com o intuito de integrar snipers.

Assim levanto outra questão que pode dar aso a futuras investigações: “Justifica-se a integração de snipers na orgânica dos Batalhões de Infantaria?”

Espero que o meu contributo sirva para melhorar o emprego dos snipers nas áreas edificadas e para futuras investigações sobre esta temática.

Bibliografia

Livros:

- BORGES, TCOR J. (2004). *Elementos de estratégia (5.ªEd)*. Lisboa: Serviços Gráficos da Academia Militar.
- COUTO, A. (1988). *Elementos de estratégia: apontamentos para um curso*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- HASKEW, M. (2005). *The sniper at war: from the american revolutionary war to the present day*. London: Amber Books.
- HILL, M. & HILL, A. (2005). *Investigação por questionário (2.ªEd.)*. Lisboa: Edições Silabo.
- PLASTER, J. (2006). *The ultimade sniper*. Colorado: Paladin Press.
- PEGLER, M. (2004). *Out of nowhere a history of military sniper*. Oxford: Osprey Publishing.
- PEREIRA, A. & POUPA, C. (2006). *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o word (3.ª Ed.)*. Lisboa: Edições Silabo.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUT, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Manuais Portugueses:

- Centro de Instrução de Operações Especiais. *Manual sniper*. Fevereiro 2004.
- Escola Prática de Infantaria. *Manual de combate áreas edificadas*. Fevereiro 1996.
- Ministério da Defesa Nacional. Exército Português, *Regulamento de campanha operações*. Setembro de 2005.

Artigos de Revistas:

- DIAS, CAP R. (2005). Atirador especial sniper no combate urbano. *Azimute*, 1 (nº 179).
- FERNANDES, TCOR P. (2002). O ambiente operacional. *Boletim*, 1 (nº 55), 15-28.

Manuais Americanos:

- Headquarters Department of the Army. Field Manual 3-0, *Operations*. February 2008.
- Headquarters Department of the Army. Field Manual 3-05.222, *Special operations sniper training and employment*. April 2003.
- Headquarters Department of the Army. Field Manual 3-06, *Urban operations*. June 2003.
- Headquarters Department of the Army. Field Manual 3-06.11, *Combined arms operations in urban terrain*. February 2002.
- Headquarters Department of the Army. Field Manual 3-22.9, *RIFLE MARKSMANSHIP M16A1, M16A2/3, M16A4 and M4 carbine*. April 2003.
- Headquarters, Department of the Army. Field Manual 23-10, *Sniper training*. August 1994.
- Headquarters Department of the Army. TC 23-14, *Sniper training and employment*. June 1989.
- Headquarters United States Marine Corps. Marine Corps Warfighting Publication (MCWP) 3-35.3, *Military Operations on urbanized terrain*. April 1998.
- Headquarters United States Marine Corps. Field Manual 1-3B, *Sniping*. April 1976.

Manuais Britânicos:

- Army Field Manual. Operations in Specific Environments (Vol.2), *Urban operations*. November 1999.

Sites na Internet:

- Organização das Nações Unidas. (2008). Press conference on world urbanization prospects. Consultado em 11 de Agosto de 2008:

http://un.org/News/briefings/docs/2008/080226_Zlotnik.doc.htm

- <http://www.hk94.com/hk/uploads/post-35-1059800708.jpg>

- <http://www.lcompanyranger.com/usweapons/sniperM21DK2.jpg>

- <http://www.vandykerifles.com/images/M24-Supermagnum-lg.jpg>

- <http://www.impactguns.com/store/media/aw.jpg>

- http://en.wikipedia.org/wiki/M24_Sniper_Weapon_System

- http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/Barret_M82_DA-ST-92-07336.jpg/800px-Barret_M82_DA-ST-92-07336.jpg

- <http://world.guns.ru/sniper/sn50-e.htm>

- http://images.military.com/EQGpics/EQG_nvps5_1.jpg

- <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/an-pvs-7b-dvic575.jpg>

- <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/an-pvs-10.htm>

- <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/an-gvs-5-dvic573.jpg>

- <http://www.seilerinst.com/images/mltry/m49a.jpg>

- <http://www.defense-update.com/images/SLD-400.jpg>

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ab/Leica_Vector_rangefinder_2007_07_14.jpg

ANEXO A – Conferência de Imprensa da ONU

26 February 2008



Press Conference

Department of Public Information • News and Media Division • New York

PRESS CONFERENCE ON WORLD URBANIZATION PROSPECTS

Urbanization is growing everywhere, but not all of the world's regions are equally urbanized, said Hania Zlotnik, Director of the Department of Economic and Social Affairs' Population Division, as she presented the 2007 Revision of *World Urbanization Prospects* at a Headquarters press briefing this morning.

The 2007 report reflects the most recent estimates of the world's urban and rural populations, projected, for the first time, to 2050, rather than 2030, as in past Revisions. The report indicates that most of the population growth expected in urban areas will be concentrated in the cities and towns of the world's less developed regions, particularly Africa and Asia.

In Africa, 40 per cent of the population currently lives in urban areas, Ms. Zlotnik explained. That figure was expected to reach 50 per cent by 2050, meaning that the urban population of the continent would likely triple over the next 40 years, from a current 340 million to some 900 million people. If Asia continued to urbanize at its current rapid pace, the region was expected to become 50 per cent urban by 2025, with the number of urban dwellers expected to jump from 1.6 billion people today to 1.8 billion people by 2050.

Such "sobering" numbers depended on the decline of fertility rates for the world as a whole, and particularly in Africa and Asia, she continued. Should they remain constant, those regions would likely gain another 1.8 billion urban dwellers. Thus, fertility must drop in countries with relatively high rates for urban and rural growth to remain manageable.

She said at least half of the world's urban growth was expected to take place in smaller cities, or those with less than 500,000 inhabitants, which were more difficult to locate because of their small populations, often numbering in the tens of thousands. It was in these more rural areas of the "urban structure" that new cities would develop.

In most of the developing world, estimates showed that 60 per cent of urban growth was due to the excess of births over deaths, a phenomenon referred to as "natural increase", which was an important component of that growth, she said. The exception was China, where only 30 per cent of urban population growth was attributed to natural increase, and 70 per cent to both changes in the number of areas considered urban, and to migration from rural areas to urban centres.

China today was about 40 per cent urban, with more than 500 million people in its cities, and was expected to be 70 per cent urban by 2050, with a city population of over 1 billion. In comparison, India was expected to urbanize more slowly, and therefore remain the country with the largest rural population in the coming decades. India was about 30 per cent urban — its city inhabitants numbering 300 million — and likely to reach 55 per cent urban by 2050, with more than 900 million people living in its cities.

In the world's rural areas, she said populations were expected to decline in the coming years, with the peak number of residents likely seen towards the end of the next decade. The total number of rural inhabitants was expected to fall by 600 million people by 2050, which was relatively good news for those areas, as there would be fewer population demands on land use.

Today, urban areas covered 3 per cent of the world's area, she explained. Most countries around the world had very small urban populations; about two thirds of them had urban populations of less than 5 million people. She expected it would become easier for Governments to develop policies that produced sustainable use of natural resources, as people increasingly became concentrated in relatively smaller areas.

She next turned to “mega cities”, or those with more than 10 million inhabitants, which today accounted for about 9 per cent of the world's urban population. While it was estimated that the number of mega cities would increase to 27 by 2025, she pointed out that these centres would likely absorb only 12 per cent of the world's urban population growth. Smaller cities were likely to grow more quickly.

Tokyo — with 36 million people in 2007 and encompassing 87 cities and towns -- was by far the most populous urban centre, and expected to retain that stature into 2025, she said. That mega city accounted for 42 per cent of Japan's urban population, making it the only “primary city” — or one that holds more than 40 per cent of a country's population -- among the world's mega cities.

The fastest population growth rates would likely be found in Africa, in cities such as Lagos, Nigeria and Kinshasa, the capital of the Democratic Republic of the Congo, which both could become mega cities in the coming decades. Dhaka, Bangladesh, and the Pakistani cities of Lahore and Karachi were also prime candidates.

However, 75 per cent of the world's urban population was concentrated in only 25 countries, and there were great disparities in nations' levels of organization. In Burundi and Papua New Guinea, for example, only 10 per cent of the population lived in cities. At the other extreme, city-states like Singapore, Hong Kong and Macau boasted 100 per cent urban population.

Such disparities were an important determinant of how well Governments would be able to implement policies, she said, making the related point that rapid urbanization was positively correlated with economic growth. Governments should understand that urban growth, including through migration, was proof of economic dynamism.

Taking a question on Latin America's large urban population, Ms. Zlotnik noted that the region was among the first to push industrialization, in the early part of the twentieth century. That push was more characteristic of Latin America than regions such as Africa, which, at that time, had concentrated on extractive and agricultural production. China's Government, for years, prevented people from moving to cities.

Asked about projections, she responded that today there were some 3.4 billion urban dwellers in the world, a number that was expected to reach 6.4 billion by 2050, or the size of the total world population in 2005. As for housing, she said, while her Office did not advise Governments on such issues, it would be interesting to focus on what Mayor Michael Bloomberg was considering for New York City in the coming decades. Decisions depended on each locality. National policies designed to stem urban growth — notably through limiting migration — had not worked, as migrants tended to move to areas that held opportunities to make money.

Responding to another question, Ms. Zlotnik said most countries were very small. Using Sweden's population of 9 million as an example, she said many countries held the potential to develop mega cities. The fact that countries were small did not limit their potential to be economically dynamic. African countries were the least urbanized, however, urbanization there did not always "make sense", because economic growth often stalled.

To a point that Indian planners were trying to prevent people from migrating to urban centres, Ms. Zlotnik said Indian planners indeed should be trying to foster economic dynamism in rural areas, as 70 per cent of the country was rural. Rural development implied creating agricultural production that was "more productive". To do that, fewer people would be needed in production, which meant that employment would need to be found for the excess labour, likely in non-farm employment.

She outlined two scenarios: either people would migrate to cities such as Mumbai, or one-time rural areas would transition into urban centres by generating other activities. That process had been seen in China, and would need to happen in India. Moreover, if those areas became more dynamic, people would earn more, become more educated, and demand better services, as had been the case in Europe, the United States and Latin America.

Organização das Nações Unidas. (2008). Press conference on world urbanization prospects. Consultado em 11 de Agosto de 2008:

http://un.org/News/briefings/docs/2008/080226_Zlotnik.doc.htm

ANEXO B – Evolução Histórica do Sniper

1.1 – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SNIPER

1.1.1 - Origem do Termo

O termo sniper teve origem no século XVIII, com o Exército Britânico na Índia. Deriva do nome “snipe”, que denomina uma ave, existente na Índia, conhecida pela sua dificuldade em ser caçada, uma vez que não deixava os caçadores aproximarem-se. Era uma ave pequena, com características muito meticulosas, voava muito rápido e de uma forma irregular, desafiando a inteligência dos caçadores, obrigando-os à criação de novas técnicas de caça, mais apuradas, e ao desenvolvimento da capacidade de executar um excelente tiro.

Aqueles que eram bem sucedidos na caça desta ave, eram cognominados de sniper (snipe+Killer), ou seja, aquele que possui todas as capacidade para caçar o “snipe” (TC 23-14, June 1989, p.1-1)

1.1.2 - Guerra de Independência dos Estados Unidos da América (EUA)

A guerra da independência dos EUA, ocorreu entre 1775 e 1783, e opôs o Reino Unido a algumas colónias da América do Norte³⁷.

Pode-se dizer que foi a primeira guerra onde efectivamente foi aplicado com emprego tático o uso de “sharpshooters”.

Os “sharpshooters”, eram antigos caçadores de peles que possuíam uma enorme experiência no tiro a longas distâncias, e usavam a carabina de antecarga tipo “Kentucky”, que pela qualidade da sua manufactura e comprimento do cano, conseguiam ter um alcance e precisão maior que as armas dos britânicos, que utilizavam mosquetes de cano liso. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.2)

Os “sharpshooters”, que actuavam individualmente ou em pequenos grupos, dissimulavam-se nas densas florestas existentes, e surpreendiam os britânicos batendo os flancos das densas colunas que estes utilizavam para se deslocarem.

Tinham como alvos preferenciais os oficiais, que facilmente se distinguiam dos soldados, por terem uniformes diferentes, fazendo com que os soldados ficassem desorientados e em pânico, porque não conseguiam saber a direcção do tiro e quem o efectuou.

³⁷ Eram treze as colónias: Massachusetts; Rhode Island; Connecticut; New Hampshire; Nova Jersey; Nova York; Pensilvânia; Delaware; Virgínia, Maryland; Carolina do Norte; Carolina do Sul; Geórgia.

As características e capacidades dos “sharpshooters” podiam mudar o rumo da guerra, exemplo disso foi o que sucedeu a 7 de Setembro de 1777 com um disparo que nunca chegou a acontecer.

Este episódio tem como principal interveniente o Major Patrick Ferguson, do exército britânico, que era conhecido por ser um excelente atirador e que teve a oportunidade de alvejar um oficial de alta patente, mas nunca chegou a efectuar esse disparo porque esse oficial estava de costas. Mais tarde escreveu: “(...) it was nor pleasant to shoot at the back of na unoffending individual, who was acquitting him self very cooly of his duty; so a let him alone (...)” (Haskew, 2005, p.7).

Mais tarde, descobriu-se que esse oficial era o General George Washington, líder do Exército Continental e futuro presidente dos EUA. Caso este disparo tivesse ocorrido, a revolução Americana poderia ter tido outro desfecho e, conseqüentemente, a história da humanidade seria também diferente.

Outro episódio que se passou durante a revolução Americana, com um dos regimentos mais famosos de “sharpshooters”, a Morgan’s Riflemen criada pelo General Daniel Morgan, ocorreu a 7 de Outubro de 1777, na batalha de Bemis Hights.

Nesta batalha, Timothy Murphy, um “sharpshooters” da “Morgan’s Riflemen”, atingiu mortalmente o Brigadeiro General Simon Fraser do exército Britânico, a uma distância entre 275 metros e 457 metros. Murphy efectuou o disparo de cima de uma árvore após ordem de Daniel Morgan (Haskew, 2005, p.10).

Este acontecimento iria influenciar a batalha de Saratoga, na qual os Americanos saíram vitoriosos, conseguindo o controlo do rio Hudson e conseqüentemente um apoio decisivo da França.

1.1.3 - Guerras Napoleónicas

Durante as guerras napoleónicas, verificaram-se vários desenvolvimentos, não só ao nível tático e estratégico, mas ao nível do armamento, principalmente quanto ao alcance e precisão das espingardas. Exemplo disso é a espingarda baker que equipou o Regimento 95 do Exército Britânico e mais tarde outros regimentos.

Um facto que contribuiu para o sucesso do regimento 95 durante as guerras napoleónicas, foi o critério de selecção para este regimento, que recrutava soldados com mais capacidades, do que o soldado comum, e que se exigia que fossem excelentes atiradores (Haskew, 2005, p.12).

O critério de selecção e o investimento em melhor armamento teve uma enorme importância para o desfecho final das guerras napoleónicas, pois inúmeras batalhas foram ganhas devido a uma distinta eficiência, onde a principal tarefa consistia em

eliminar um grande numero de oficiais ao inimigo, o que conseqüentemente criava desorganização nas forças francesa (Pegler, 2004, p.44).

1.1.4 - Guerra Civil Americana

Entre 1861 e 1865, assistiu-se a uma oposição da União do Norte face à Confederação do Sul. Esta divergência deu origem à Guerra Civil Americana, onde se assistiu à ascensão da espingarda como instrumento de precisão e de matar.

É bom frisar que as espingardas desenvolveram-se bastante e as várias invenções foram decisivas para a espingarda adquirir este estatuto que conseguiu na Guerra Civil Americana.

Uma dessas invenções foi criada pelo oficial francês Claude-Étienne Minié, que consistia numa munição de forma cónica ligeiramente mais pequena que a largura do cano e que quando era disparado dilatava, ficando com a dimensão do cano, o que tornava a velocidade de saída à boca do cano muito maior e conseqüentemente a um aumento da precisão. Era muito mais prática e eficaz que o emprego da munição esférica que tinha um alcance e precisão muito menor (Pegler, 2004, p.46).

Com a melhoria do armamento, foi criada uma força especial por parte da União do Norte, onde um indivíduo para pertencer a esta, tinha de fazer 10 disparos seguidos num alvo de 25 cm de diâmetro a uma distância de 180m. Esta força, era denominada de Berdan's Sharpshooters e foi criada por Hiram Berdan, um engenheiro mecânico, que tinha cerca de 2000 homens, no início da guerra.

Os sharpshooters da Confederação usavam a espingarda Whitworth e eram usados com o grosso da força, não foi criada uma unidade especial para eles, como no caso da união. Mas realizavam muitas missões em que procuravam alvos de oportunidade e observavam o inimigo, utilizando princípios de camuflagem.

Um episódio célebre, do modo como os sharpshooters da confederação tinham sucesso, foi o facto de dois sharpshooters terem conseguido eliminar uma bateria de Artilharia de seis armas em menos de duas horas. Este facto, levou o General Lee a dizer que preferia ter treze sharpshooters que um regimento (Haskew, 2005, p.22).

Nesta altura surgem também as primeiras espingardas com alças, o que contribui para o aumento da eficácia do tiro. Como consequência destas evoluções ao nível do armamento, dos acessórios e da técnica, surgem novas evoluções no seu emprego.

É estabelecida uma lista de prioridades de alvos e devido ao fumo proveniente da pólvora, após um disparo, os atiradores deixaram de efectuar disparos de cima das árvores e a efectuarem um disparo junto ao solo. Após o disparo rebolavam para o lado esquerdo ou direito porque eram facilmente referenciados pelo inimigo.

As evoluções do armamento e a sua aplicação tática e estratégica contribuíram para o desfecho da guerra civil Americana, pois nos momentos mais importantes fizeram a diferença.

Após o final da guerra civil a evolução do armamento continuou, face aos alcances e precisões, que foram sempre aumentando. Mas a grande evolução foi em relação à pólvora das munições, uma vez que a nuvem formada por um disparo deixa de existir, representando um enorme progresso, não só para os snipers mas para todo o combatente. Agora, apenas o clarão do disparo pode denunciar a posição dos snipers.

Este aspecto torna o sharpshooter ainda mais mortal e decisivo no campo de batalha, porque para além de causar inúmeras mortes, pode afectar a moral das tropas que perante tal ameaça desgasta-se psicologicamente.

1.1.5 – Primeira Guerra Mundial

A primeira guerra mundial, decorrida entre 1914 e 1918, opôs dois grandes blocos de países, um onde se encontrava o Império Britânico, o Império Russo e a França e outro onde estava o Império Alemão, o Império Austro-húngaro e o Império Turco-Otomano.

No início da guerra, o Império Britânico estava convicto de que iria sair vitorioso, porque tinha a maior frota naval do mundo e dos exércitos mais bem preparados, assim como, o Império Alemão que tinha a indústria mais desenvolvida da Europa, ficando só atrás dos EUA a nível mundial (Pegler, 2004, p.78).

Esta guerra ficou conhecida pela utilização em primeira-mão do avião, por ter sido uma guerra de trincheiras, pelo uso de gases mortais e pelas imensas baixas causadas pelo uso da artilharia.

Existiam trincheiras, de um lado e do outro, que estavam afastadas cerca de 200m e que iam desde o mar do norte até à fronteira com a Suíça. À parcela de terreno que se encontrava entre as trincheiras chamava-se “terra de ninguém” ou “no man’s land” (Haskew, 2005, p.31).

Contudo, é durante a Primeira Guerra Mundial que surge, pela primeira vez, o verdadeiro emprego do sniper, através do exército Alemão. Os alemães aproveitam a sua desenvolvida indústria e equipam os seus snipers com a Scharfschutzen Gewehr 98 de 7,92mm, com alças.

Esta aposta do exército alemão, face ao uso sofisticado dos snipers, dá origem a inúmeras baixas nas tropas inglesas, mortes essas conseguidas apenas com um simples tiro na cabeça.

No entanto, inicialmente as tropas inglesas pensavam estar perante “tiros de sorte” das tropas alemães. Contudo, e com o decorrer da guerra, os ingleses perceberam que afinal

os tiros eram intencionais, e devido a esta valência os alemães conseguiram dominar a “terra de ninguém” durante os primeiros anos da guerra.

Não podemos deixar passar em branco a importância que os alemães tiveram no desenvolvimento, no treino e criação dos princípios do sniper, uma vez que foram os primeiros a apostar neste conceito de atirador. Antes de mais, é preciso ter em atenção um factor histórico que contribuí-o para uma maior notoriedade dos snipers alemães no início da guerra. Era comum os jovens serem ensinados a caçar desde pequenos, pelos pais, devido à vasta floresta existente na Alemanha.

Assim muitos jovens alemães já possuíam princípios e técnicas usados pelos snipers, o que permitia o exército Alemão ter uma reserva de homens que podia ser rapidamente treinada como snipers.

Quanto à formação dos snipers, o exército alemão aproveitava os soldados que faziam melhor tiro e que já tinham experiência de caça, ou que ficavam mais calmos quando estavam sobre fogo. Aos soldados seleccionados era-lhes dado uma arma e uma alça, bem como, as instruções sobre o uso e manejo do armamento. Seguidamente, o sniper do regimento mais experiente dava-lhes instruções ao nível teórico, e já no final da sua formação, os pretendentes a sniper acompanhavam o sniper mais experiente do regimento ao longo das trincheiras para aprenderem na prática os “segredos” do campo de batalha.

Os snipers tinham de sair da sua formação a aprender a estudar detalhadamente cartas militares, a marcarem e determinarem os limites do seu posto sniper, para isso, durante a noite rastejavam até à terra de ninguém e faziam marcações para se orientarem e a camuflarem a sua posição.

Quanto ao método de emprego, não era rígido, em cada companhia de infantaria tinha de haver 6 snipers, o modo como eram empregues não importava, sendo que maioritariamente actuavam individualmente (Pegler, 2004, p.85).

Os Britânicos perceberam a importância dos snipers na guerra e criam a primeira escola de snipers em 1915, a “First School of sniping observing and scouting”, perto da cidade francesa de Bethune. O curso, com a duração de 17 dias, consistia na aprendizagem da manutenção do armamento, pontaria pela alça, a camuflar a posição e a ver uma carta militar. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.3)

Ao nível do armamento utilizaram inicialmente a espingarda Lee-Enfield de 7,92mm que para snipers não era muito apropriada, porque a alça ficava do lado esquerdo e não alinhada com o cano, o que causava um grande desvio de tiro no alvo, principalmente a grandes distâncias. Mais tarde passaram a usar a Pattern 1914 Mk 1, de fabrico americano (Haskew, 2005, p.30).

Os snipers Britânicos actuavam em equipa, um observava e outra estava com a arma, trocando entre si para rentabilizar ao máximo os recursos, pois o cansaço podia facilmente apoderar-se dos combatentes.

Como já se sabe existiam snipers de ambos os lados das trincheiras que observavam o horizonte para detectar possíveis alvos, utilizando binóculos para verem a uma maior distância. Em algumas ocasiões, o sol batia nos binóculos e fazia reflexo o que denunciava a posição desse sniper e conseqüentemente, a probabilidade de ser flagelado, por um sniper inimigo.

Ao longo da guerra o emprego dos snipers vai evoluindo, assim como, os métodos e alvos destes. Um exemplo concreto dessa evolução de estratégias, é o facto de se conseguir enganar e descobrir o inimigo, fundamental para conseguir a vantagem por que tanto se luta. Um dos métodos mais utilizados, era a colocação de capacetes no ar, para simular a cabeça de um soldado. O intuito era fazer com que um sniper inimigo fizesse fogo para denunciar a sua posição e a uma possível resposta por parte da força que preparou o engodo.

Com a evolução dos métodos, os snipers começaram a escolher como locais prioritários, para fazer fogo, as latrinas e o local onde se encontravam as comunicações, porque causavam muitas baixas e infringiam grandes danos ao inimigo (Haskew, 2005, p.34).

Na primeira guerra mundial, houve um momento decisivo que influenciou o resultado final desta guerra, a entrada dos Estados Unidos da América na guerra, em 1917, que até então só tinha contribuído com material militar.

Inicialmente, a adaptação dos soldados Americanos foi difícil, não conseguiam habituar-se às rotinas das trincheiras, devido às inúmeras exigências que este tipo de guerra obriga, e porque os Alemães já tinham uma enorme experiência neste tipo de guerra ao conhecer muito bem o campo de batalha, nomeadamente no que toca aos snipers que aproveitaram a falta de experiência dos Americanos (Pegler, 2004, p.144).

Como já foi referido, os americanos não possuíam treino sniper, como tal, apostaram na formação das escolas sniper Britânicas, para adquirirem conhecimentos nesta área, estando sobre tutela dos experientes snipers Britânicos. A dedicação e empenho dos Americanos foi reconhecida pelos Britânicos e o reconhecimento da importância dos snipers na guerra, por parte dos EUA, consagrou-se com a criação de escolas snipers americanas, tendo como base os ensinamentos das escolas sniper Britânicas.

Os EUA não tiveram muitos snipers, mas os poucos que tiveram foram altamente competentes e dedicados, apesar de no início da guerra sofrerem elevadas baixas, fruto da inexperiência que tinham.

No final da guerra passou a existir, não só na França, mas também em solo britânico, uma escola sniper, o que levou a um aumento significativo de snipers nas forças aliadas e, conseqüentemente, a uma melhor distribuição pelo campo de batalha.

Para além disso, a Alemanha começava a enfrentar dificuldades ao nível de reabastecimentos e de substituição de material, nomeadamente alças, o que ajudou ao declínio do predomínio alemão e a uma ascensão das forças aliadas.

Em Novembro de 1918, a guerra termina e é apelidada como sendo a guerra mais mortal de sempre³⁸, o que originou muitos movimentos anti-guerra e a uma mentalidade de reconstrução, empreendimento e não de rearmamento. Assim, com base nestes princípios, os exércitos são desmobilizados e desarmados. Quanto ao caso específico dos snipers, as armas foram na sua maioria destruídas e os treinos passaram a ser muito reduzidos.

Os países estavam agora preocupados com uma recuperação económica e não com a manutenção ou evolução de armamento. (Pegler, 2004, p.156)

1.1.6 – Segunda Guerra Mundial

A segunda Guerra Mundial opôs as Potências do eixo aos Aliados. Os Aliados tinham como principais potências o Reino Unido, a França, os EUA, a China e a União Soviética. As potências do eixo apenas contavam com a Alemanha, Japão e Itália.

Esta guerra, superando todos os números anteriores, foi a mais mortífera de todos os tempos e foi também, onde se desenvolveram novas armas que tiveram um papel preponderante, como o caso do submarino, dos Carros de Combate (CC) e da Aviação (Haskew, 2005, p.46).

Em relação aos snipers, muitos militares pensavam que estes eram uma herança das guerras de trincheiras da Primeira Guerra Mundial e que o seu papel nesta Guerra não seria relevante.

Durante os anos de interguerra, entre estas grandes guerras, as evoluções do armamento e emprego do sniper não foi notória, uma vez que as escolas britânicas e americanas utilizavam os manuais da Primeira Guerra Mundial e formavam muito poucos snipers. Já o caso dos Soviéticos e dos Alemães é diferente, porque continuaram a apostar nas suas escolas sniper e conseguiram evoluir em muitos aspectos. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.4)

Os snipers soviéticos, treinavam durante um período de três semanas o tiro, a observação, a camuflagem, a navegar por cartas, a actuar durante um ataque e durante uma defesa, e a actuar em áreas edificadas. Foi introduzido também no seu treino, o

³⁸ Até 1916, a mais mortal de sempre foi a Segunda Guerra Mundial.

emprego de armamento utilizado normalmente na infantaria, como o uso de granadas, o uso da baioneta e de armas anti-carro (Pegler, 2004, p.171).

O exército soviético tinha dois tipos de snipers: os que pertenciam às reservas do supremo alto comando; e os snipers que faziam parte dos pelotões de Infantaria (Haskew, 2005, p.73).

Nas reservas do supremo alto comando estava uma Brigada sniper que era constituída por mulheres. Elas demonstraram uma apetência especial para serem snipers porque tinham mais paciência, eram mais resistentes ao frio e resistiam melhor ao stress de guerra (Pegler, 2004, p.176).

Os snipers que actuavam como elemento integrante de um pelotão, tinham muitas vezes missões específicas, o que obrigava os comandantes de pelotão a terem conhecimentos sobre o emprego dos snipers. Estes elementos revelaram-se muito importantes no campo de batalha, principalmente em áreas edificadas, como na batalha de Estalinegrado. Os snipers podiam estar em qualquer janela ou seteira, a sua detecção era muito difícil, porque estavam protegidos das vistas e o eco não permitia detectar a direcção do disparo.

Durante a guerra, os snipers soviéticos tinham três objectivos primários: O primeiro era destruir o inimigo, que tivesse condições de interferir com o avanço das forças (contra-sniper); Eliminar os comandantes Inimigos para gerar confusão; Destruir o Inimigo que fizesse fogo sobre as forças, interferindo com a sua progressão.

A arma que era utilizada pelos soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial foi a Moisin Nagant 91/30 7,62mm e mais tarde a Takarev SVT40, uma arma semi-automática. A Moisin Nagant foi utilizada pelo herói soviético Vassili Zaitsev, um sniper que causou inúmeras baixas ao exército Alemão (Haskew, 2005, p.66).

Por outro lado, os snipers alemães que mantiveram as suas escolas snipers, desde a Primeira Guerra Mundial, passaram a utilizar novo armamento, nomeadamente a mauser Karabiner 98 Kurz, e mais à frente, a espingarda semi-automática gewher 43, que nunca conseguiu cativar a maioria dos snipers Alemães que preferiam, quase sempre, a Karabiner 98 Kurz.

O critério de selecção dos snipers baseava-se no desempenho no campo de batalha, quem desse provas que tinha capacidades para ser sniper era seleccionado. Cada batalhão tinha pelo menos 22 snipers³⁹, sendo que 6 desses snipers permaneciam junto do comando da companhia, enquanto que os restantes eram distribuídos pelas linhas da frente das companhias (Pegler, 2004, p.184).

³⁹ Este número variava conforme as circunstâncias.

Nas escolas sniper alemãs, os princípios que regem a instrução são similares aos usados pelos Britânicos, durante a Primeira Guerra Mundial, onde se destaca o conhecimento do armamento, a capacidade de executar tiro certo, o cálculo de distâncias, o uso adequado da alça, na observação, a camuflagem e a interpretação de cartas militares.

No exército alemão verificava-se uma situação que em nada beneficiou o seu esforço de guerra e a uniformização de procedimentos. Cada unidade tinha a sua ideia de emprego dos snipers o que levou à adopção de uma diversidade de modelos de alças, onde existiam vários modelos principais e dentro destes ainda existiam as variantes.

O tiro sniper deve ser feito com munições diferentes face às munições normais, no caso alemão, existiam munições deste tipo no início da guerra, mas devido a bombardeamentos a fábricas de munições e ao elevado número de munições necessárias para todos os snipers, estas deixaram de ser usadas.

As companhias Alemãs tinham atiradores (que não eram snipers) que possuíam alças nas suas armas, com um poder de ampliação menor que as alças dos snipers, mas que permitia aos atiradores fazer um tiro mais certo a distâncias médias e podiam numa situação de emergência actuar com mais prontidão do que um sniper.

A doutrina alemã dizia que a arma com que se começa a recrutar, torna-se uma arma pessoal, é a mesma que vai para o campo de batalha, não é substituída em qualquer circunstância, a não ser que esteja danificada e precise de manutenção ou substituição (Pegler, 2004, p.187).

A entrada dos EUA, na Segunda Guerra Mundial, deveu-se aos ataques de 7 de Dezembro de 1941, a Pearl Harbor, por parte do Japão. Nessa altura, o exército dos EUA usava armamento e técnicas da Primeira Guerra Mundial, sendo que o treino de snipers era praticamente inexistente, a única excepção eram os Marines Americanos que continuavam a formar alguns snipers mas num número muito reduzido.

Com a sua entrada na guerra, verificou-se a necessidade de formar snipers para o campo de batalha e logo surgiram algumas escolas snipers nos EUA.

A formação tinha a duração de cinco semanas e os pretendentes a sniper tinham de saber estimar distâncias, direcção e intensidade do vento, camuflagem, observação do campo de batalha, orientarem-se pela carta e a executar tiro de distâncias que variavam entre os 90m e os 920, sendo esta, a única escola a treinar os seus snipers a executar tiro a tais distâncias (Pegler, 2004, p.209).

Ao nível do armamento para snipers, os americanos adoptam, em 1936, a Caliber M1 de 7,62mm, ficando conhecida por Garand. No entanto, devido às dificuldades de produção em massa desta arma, não se teve em consideração nenhuma versão para snipers.

Devido a estes problemas, o exército americano utilizou a Springfield M1903 de 7,62mm (TC 23-14, 1989, p.1-2), no início da guerra, mas mais tarde mudou para Weaver 330-c,

que foi oficialmente adoptada em 1942 e utilizada até ao final da guerra. Ao longo do conflito surgiram melhorias ao modelo M1903, nomeadamente com a versão M1903 A-4, tendo esta evolução também sido usada na guerra.

A guerra no Japão caracterizava-se por ser uma guerra na selva, tendo características específicas, o que levou os snipers Americanos a actuarem em equipas de três elementos, o sniper que transportava umas das armas, em cima referidas, o observador que levava uma Caliber M1 ou uma Thompson e um soldado transportava uma arma mais pesada como a Browning 7,62mm.

Os americanos usavam três homens nas equipas snipers, porque era muito difícil lidar com este tipo de guerra, principalmente com ataques suicidas que os japoneses estavam dispostos a fazer.

Na Europa o tipo de combate era diferente, pelas características do terreno e pelo facto de as equipas terem apenas dois elementos, o sniper e o observador.

Muitas vezes a equipa snipers, durante a noite, deslocava-se para um local mais alto no lado do Inimigo, e observavam estradas e caminhos-de-ferro. Quando alguém passasse levava um tiro.

Quanto aos snipers Britânicos, que foram muito inovadores durante a Primeira Guerra Mundial no emprego dos snipers, tiveram uma fase de estagnação que termina em 1940 com a criação da escola de sniper em Bisley.

No início da Segunda Guerra verificava-se uma enorme lacuna na formação de snipers, porque os manuais eram da Primeira Guerra Mundial. Uma atitude que foi tomada para a selecção de snipers, era que os snipers tinham de ser voluntários e estarem preparados psicologicamente para as missões em que iriam participar.

Deixa-se de seleccionar um futuro sniper só pelo tiro que realiza, começa-se levar em conta outros factores como na observação e o combate em áreas abertas onde a camuflagem assume um papel decisivo.

Os snipers usam material específico para cada tipo de missão, mas no geral inclui-se no material, bússulas, mapas, chocolates, pastilhas elásticas dois cantis, duas granadas. Não estavam incluídos cigarros, porque a tentação de fumar quando se está isolado e ao frio é enorme, o que podia comprometer a missão.

Ao nível do armamento, os britânicos utilizavam a Pattern 1914 Mk 1, também usada na Primeira Guerra Mundial, mas que foi substituída pela Lee-Enfield 4 Mk1 (Haskew, 2005, p.47).

Após a análise dos snipers de vários países que participaram durante a Segunda Guerra Mundial, podemos afirmar que o sniper provou o seu valor em combate, não causou apenas baixas nas forças inimigas, assumiu também um papel importante na observação, na identificação de alvos a atingir e como sistema de alerta.

A natureza do combate mudou, e o sniper conseguiu acompanhar esta mudança evoluído, provando que se pode adaptar as várias situações.

1.1.7 – Guerra do Vietname

A Guerra do Vietname foi uma guerra que surgiu durante a chamada Guerra-fria, que opôs a Republica Democrática do Vietname (Vietname Norte) e a Republica do Vietname (Vietname Sul). A Republica Democrática do Vietname era apoiada pelos aliados comunistas, onde se encontrava a China a ex-URSS e a Coreia do Norte. A Republica do Vietname era apoiada pelos EUA e Coreia do Sul.

Este conflito caracterizou-se pelas inúmeras acções de guerrilha realizadas, principalmente pelos Viet Cong que efectuavam emboscadas às patrulhas dos EUA ou ao Vietname do Sul e depois desapareciam na selva.

O exército dos EUA deparou-se com uma realidade que desconhecia até então onde as próprias condições ambientais não favoreciam as acções militares dos EUA, com uma humidade muito elevada e com temperaturas extremas, bem como o terreno que era muito montanhoso. (TC 23-14, June 1989, p.1-1)

Os americanos antes da guerra, como já tinha acontecido na Segunda Guerra Mundial, tinha apenas alguns snipers com o treino adequado enquanto que o Vietname do Norte possuía já um elevado número de snipers que estavam integrados em companhias. Os snipers do Vietname do Norte eram voluntários e utilizavam uma arma da Segunda Guerra Mundial a Moisin Nagant com alça, que apesar de ser antiga continuava eficaz e era muito usada nas emboscadas (Pegler, 2004, p.294).

Os EUA usaram muito o helicóptero para as tropas terem mais mobilidade e poder de fogo, então os snipers aproveitavam a zona de aterragem dos helicópteros para infringir baixas nas forças americanas, nomeadamente oficiais, no RTL (Rádio Telefonista), nas armas com mais potencial de fogo como os morteiros ou metralhadoras (Haskew, 2005, p.125).

Ao longo da guerra o exército americano verificou que a maioria das baixas que tinha eram devido a minas, armadilhas e tiros de sniper. Assim para fazer face às baixas causadas pelos snipers os Marines americanos começam a dar treinos sniper em solo Vietnamita.

É muito importante perceber que no exército dos EUA, existem dois tipos de snipers: os que são formados pelos Marines; e os do Exército.

A grande diferença entre ambos é o critério de selecção, onde os snipers dos Marines são seleccionados através de vários critérios e o sniper do exército é simplesmente o melhor atirador da companhia (Haskew, 2005, p.128).

O desempenho dos snipers durante a guerra do Vietname foi de extrema importância, de tal maneira que em 1968, foi aprovado a organização e formação de pelotões sniper nomeadamente para os regimentos de infantaria e para o batalhão de reconhecimento.

A arma preferida dos snipers do exército americano era a espingarda M-14 com mira M84, que estar também equipada com o aparelho de visão noturna Starlight que tem um alcance de 400m, enquanto que os Marines escolheram a espingarda Remington 700 que utilizava também a mira telescópica M84. Surge também a M-40 que já possuía bipé e que começou a ser utilizada pelos marines americanos durante este conflito.

O mais célebre sniper da guerra do Vietname foi Carlos Hathcock, um sniper americano que teve 93 mortes confirmadas durante a guerra do Vietname e que atingiu mortalmente um viet cong a uma distância de 2286m, utilizando a Metralhadora Pesada Browning M2 12,7mm que tinha acoplado um telescópio e estava preparada para fazer apenas um disparo (Haskew, 2005, p.133).

3.1.8 – A guerra das Falklands

As Falklands são um arquipélago de ilhas no sul do oceano atlântico, que se encontram perto da Argentina, mas que são território Britânico.

Em Abril de 1982 a Argentina reivindica as ilhas como sendo seu território, invadindo as mesmas⁴⁰.

A resposta do Reino Unido foi imediata com a mobilização de tropas para as ilhas, que se depararam com alguns problemas como as boas posições preparadas dos argentinos, ventos fortes e o terreno rochoso.

Os Argentinos e Britânicos possuíam aparelhos de visão noturna, sendo que os argentinos estavam equipados com aparelhos de visão noturna de segunda geração e os britânicos estavam com aparelhos de visão noturna de primeira geração, o que representava uma clara vantagem para os Argentinos no combate noturno.

Ambas as forças tinham snipers, mas o armamento era diferente, onde os argentinos tinham a M-14 com alça k98k e os britânicos tinham a Enfield L42A1 de 7,62mm.

Os snipers argentinos revelaram-se muito eficazes porque causaram muitas baixas, exemplo disso foi um sniper argentino que impediu uma companhia britânica de progredir durante horas (Haskew, 2005, p.161).

Mas os snipers britânicos infringiram também inúmeras baixas aos argentinos, revelando-se de extrema importância porque eliminaram um grande número de snipers argentinos, que dificultavam a progressão das tropas britânicas. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.6)

⁴⁰ A Argentina estava a passar por uma grande crise económica, acredita-se que esta invasão foi uma forma de desviar a opinião pública dessa crise.

No final os britânicos saíram vitoriosos desta guerra, com algumas lições aprendidas, sendo uma delas a necessidade de mudança do seu armamento ao nível dos snipers, porque ao longo desta guerra as armas perderam os seus zeros⁴¹, e as alças ficavam com humidade no seu interior⁴². Estes dois factores influenciavam o rendimento das armas dos snipers e conseqüentemente podiam comprometer o cumprimento da missão.

1.1.9 - Operação Tempestade no Deserto

A 2 de Agosto de 1990, Saddam Hussein, presidente do Iraque, dá ordens ao seu exército para invadir o país vizinho kuweit.

O Iraque esteve em guerra com o irão durante a década de 80 o que, o que faz com que muitos Iraquianos tenham experiência de combate.

Em resposta à agressão do Iraque uma coligação de países, liderados pelos EUA, faz uma extensa operação militar na região para a libertação do Kuwait.

As operações iniciaram-se com o bombardeamento de alvos militares no Iraque por parte da coligação de países. Por sua vez o exército Iraquiano responde com uma ofensiva sobre a cidade de Khafji, que ficou marcada por longos conflitos entre os snipers Iraquianos e as tropas da coligação.

Um mês após o início da campanha aérea, as forças da coligação lançam uma nova campanha mas desta vez em terra, com uma grande quantidade de meios e com enorme ímpeto, onde estes respondiam a qualquer força que oferecesse resistência.

O emprego de snipers, nesta fase foi de extrema importância, nomeadamente para fazer face a snipers Iraquianos, para estabelecer a segurança e para a destruição de material, nomeadamente de comunicações, radares e veículos blindados. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.6)

O exército americano utilizou novos armamentos, nomeadamente a espingarda M-24 e a M-40⁴³ que já tinha sido usada no Vietname mas surge neste conflito com uma versão melhorada a M-40 A1 que tinham bipé e uma alça periscópica melhorada. Surge a Barrett M82A1 de 12,7mm, utilizada para destruir material.

1.1.10 – Guerra do Afeganistão

A 11 de Setembro de 2001, assistiu-se a um ataque ao World Trade Center em Nova-Iorque e ao pentágono na cidade de Washington. A responsabilidade dos ataques foi atribuída à Al-Qaeda, e ao seu líder Osama Bin Laden, que se encontrava no Afeganistão e que tinha o apoio dos Talibans.

⁴¹ Alinhamento da mira ou alça telescópica com o cano. Quanto mais correcto for esse alinhamento maior é a probabilidade de acertarmos no alvo (Field Manual 3-22 p.5-14).

⁴² A humidade no ar era muito elevada, daí as alças ficarem com humidade no seu interior.

⁴³ A M-24 e a M-40 são uma evolução da Winchester Model 700 (Haskew, 2005, p.162).

Como resposta aos ataques de 11 de Setembro os EUA e os países da coligação vão para o Afeganistão com o intuito de destruir a Al-Qaeda e capturar os responsáveis pelos ataques. A 7 de Outubro de 2001 iniciam-se as operações com bombardeamentos sobre as principais cidades e sobre campos de treino da Al-Qaeda.

Os bombardeamentos deixaram a Al-Qaeda desorganizada levando os seus membros a esconderem-se no meio da população ou a refugiarem-se nas zonas montanhosas do Afeganistão (Haskew, 2005, p.163).

É nesta fase da guerra que os snipers assumem um papel muito importante para a captura dos líderes da Al-Qaeda, porque pessoas inocentes podem ser usadas como escudo humano e porque as características do equipamento do sniper permitem detectar a grandes distâncias possíveis alvos.

Exemplo disso foi o que se sucedeu, quando tropas do exército americano estavam a progredir nas montanhas e eram flagelados constantemente por membros da Al-Qaeda que se encontravam em posições bem preparadas. Então como resposta começou-se a usar snipers a apoiar os deslocamentos. Estes tinham como missão destruir posições de metralhadoras pesadas e de morteiros.

Foi numa destas situações que um sniper Canadano quebrou o recorde de Carlos Hathcock's que tinha morto um Vietcong a uma distância de 2286m, passando o recorde ser de 2430m. A arma que estava a ser utilizada pelo sniper Canadano era uma MacMillan Tac-50 de 12,7mm (Pegler, 2004, p.326).

1.1.11 – Operação “Iraqi Freedom”⁴⁴

A operação “Iraqi Freedom”, tem como principais intervenientes os EUA o Reino Unido, forças da coligação e o Iraque que no início das operações tinha como presidente Saddam Hussein.

Esta operação tinha como objectivo capturar as armas de destruição maciça (ADM), que os serviços secretos dos EUA e do Reino Unido afirmam que o Iraque possuía e impedir que o governo de Saddam Hussein apoiasse a organização terrorista Al-Qaeda.

A operação iniciou-se a 20 de Março de 2003, tendo como principais objectivos o controlo das principais cidades e a captura dos principais líderes do regime de Saddam.

Desde o início das operações no território Iraquiano que snipers estão presentes, não só para apoiar o grosso das forças, mas para efectuarem missões específicas, nomeadamente no que diz respeito à captura dos principais líderes do antigo regime, na captura de elementos da Guarda Republicana que se tenham misturado com a população e na protecção contra possíveis sabotagens aos poços de petróleo.

⁴⁴ Liberdade do Iraque.

Para as forças da coligação era prioritário manter o controlo das populações para evitar que as cidades se tornassem um caos, logo era essencial um controlo sobre possíveis elementos que tinham afectividade para com o regime de Saddam, daí as ROE dizerem que qualquer pessoa armada é considerada hostil para as forças da coligação.

Um caso em que se percebe bem a aplicação das ROE, foi quando o exército dos EUA soube que todas as sextas-feiras, próximo de um mercado da cidade de Bagdad, eram vendidas armas e munições a qualquer pessoa. Foi montada então uma operação para por cobro a esta situação. Foram colocados Snipers na área onde se vendiam as armas e ao verificarem que dois homens que estavam armados com AK-47 e que iam vender armamento, foram abatidos. Mais tarde verificou-se que um desses homens fazia parte do antigo regime (Haskew, 2005, p.168).

Esta situação foi apenas uma das muitas situações em que snipers tiveram de intervir no Iraque, porque muitas mais surgiram com o desenrolar das operações.

Uma dessas situações ocorreu quando uma unidade que ia buscar o corpo de um soldado que tinha sido atingido mortalmente foi flagelada por um homem que tinha uma criança a servir de escudo humano. Um sniper foi chamado para o local e disparou ao lado da cabeça do homem. A criança aproveitou e fugiu, sendo o homem morto de imediato pelo resto das forças.

O sniper neste conflito ganhou mais ênfase não só pela precisão dos tiros mas pelos efeitos psicológicos que causa nas forças opositoras, nomeadamente com uso de armas sniper de com o calibre 12,7mm.

A prova da sua importância foi a mobilização de uma equipa de instrutores para o Iraque para formar snipers. Os snipers formados no Iraque tinham a vantagem de se habituarem às condições climáticas da região ao contrário dos snipers que eram formados nos EUA (Haskew, 2005, p.171).

ANEXO C – Armamento e Equipamento de um Sniper

1 - Armas ligeiras

1.1 - M40-A1



Ilustração 1 – M40A1

(Fonte: <http://www.hk94.com/hk/uploads/post-35-1059800708.jpg>)

Pais de origem: EUA

Calibre: 7,62 mm

Comprimento: 1117 mm

Comprimento do cano: 610 mm

Peso: 6,57 kg

(Fonte: Haskew, 2005, p.130)

1.2 – M21



Ilustração 2 – M21

(Fonte: <http://www.lcompanyranger.com/usweapons/sniperM21DK2.jpg>)

Pais de origem: EUA

Calibre: 7,62 mm

Comprimento: 1120 mm

Comprimento do cano: 559 mm

Peso: 5,55 kg

(Fonte: Haskew, 2005, p.132)

1.3 – M24



Ilustração 3 – M24

(fonte: <http://www.vandykerifles.com/images/M24-Supermagnum-lg.jpg>)

Pais de origem: EUA

Calibre: 7,62 mm

Comprimento: 1092 mm

Comprimento do cano: 660 mm

Peso: 5,4 kg

(Fonte: Haskew, 2005, p.146)

1.4 – L96A1

I



Ilustração 4 – L96A1

(fonte: <http://www.impactguns.com/store/media/aw.jpg>)

Pais de origem: Reino Unido

Calibre: 7,62 mm

Comprimento: 1180 mm

Comprimento do cano: 660 mm

Peso: 6,5 kg

(Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/M24_Sniper_Weapon_System)

2- Armas Pesadas

2.1 – M82A1 Barrett



Ilustração 5 – M82A1Barret

(Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/Barret_M82_DA-ST-92-07336.jpg/800px-Barret_M82_DA-ST-92-07336.jpg)

Pais de origem: EUA

Calibre: 12,7 x 99 mm

Comprimento: 1448 mm

Comprimento do cano: 737 mm

Peso: 12,9 kg

(Fonte: Haskew, 2005, p.184)

2.2 – KSVK 12,7 mm



Ilustração 6 – KSVK 12,7 mm

(fonte: <http://world.guns.ru/sniper/sn50-e.htm>)

Pais de origem: Rússia

Calibre: 12,7 x 108mm

Comprimento: 1400 mm

Comprimento do cano: 1000 mm

Peso: 12 kg

(fonte: <http://world.guns.ru/sniper/sn50-e.htm>)

3 – Aparelhos de Visão Nocturna

3.1 – AN/PVS-5 Night Vision Googles



Ilustração 7 – AN/PVS-5

(Fonte: http://images.military.com/EQGpics/EQG_nvps5_1.jpg)

3.2 – AN/PVS-7 Night Vision Google



Ilustração 8 – AN/PVS-7

(Fonte: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/an-pvs-7b-dvic575.jpg>)

3.3 – AN/PVS-10 Night Vision Sniperscope



Ilustração 9 - AN/PVS-10

(Fonte: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/an-pvs-10.htm>)

3.4 - AN/GVS-5 Laser Rangefinder



Ilustração 10 – AN/GVS-5

(Fonte: <http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/an-gvs-5-dvic573.jpg>)

3.5 – M49 Observation Telescope



Ilustração 11 – M49

(Fonte: <http://www.seilerinst.com/images/mltry/m49a.jpg>)

4 – Binóculos

4.1 – M19

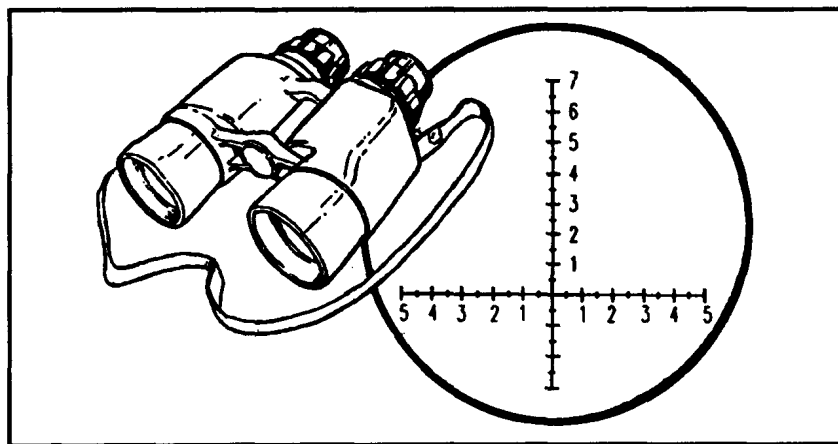


Ilustração 12 – M19

(Fonte: Field Manual 23-10, 1990, p.2-39)

4.2 – M22

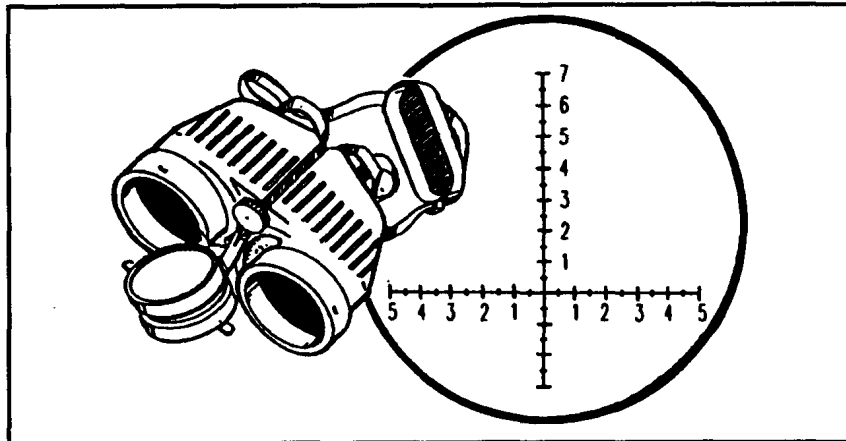


Ilustração 13 – M22
(Fonte: Field Manual 23-10, 1990, p.2-40)

4.3 – Leica Vector 1500



Ilustração 14 - Leica Vector 1500
(Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ab/Leica_Vector_rangefinder_2007_07_14.jpg)

ANEXO D – Aparelhos para Detectar um Sniper

Na luta anti-sniper é preciso ter em atenção que já existe tecnologia que permite uma detectar um sniper.

A grande dificuldade está em detectá-lo antes do 1º e único disparo. Esse é o grande problema. E tem-se tentado criar aparelhos electrónicos

Numa 1ª fase os equipamentos só localizavam o atirador após o 1º disparo, o que poderia ser tarde de mais. Actualmente é possível detectá-lo antes do 1º disparo.

De seguida vou falar de aparelhos que detectam a presença de um sniper.

BDI

É um sistema composto por uma antena com 4 sensores que detecta a onda de choque provocada pela passagem do projectil nas suas proximidades. A informação é transmitida a um processador, o qual apresenta o resultado em 2 mostradores, um indica a elevação e outro a direcção do ponto de origem dos disparos, demora 1 segundo.

Para proteger um local é necessário colocar vários destes sensores para cobrir o seu perímetro. O seu raio de acção é de poucas dezenas de metros. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.75)

Life Guard

Este sistema trabalha com quatro sensores infravermelhos, os quais detectam a passagem do projectil devido à sua assinatura térmica. A informação é recolhida e processada num computador, que aponta para o local de origem do tiro uma camera e vê-se numa televisão o sitio de onde provem o disparo. Num monitor mostra a trajetória do projectil, que é identificada por uma linha bem como a posição do sniper num quadro vermelho.

O raio de acção destes sensores é de 200m. Todo o processo demora milésimos de segundo. (Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.75)

SLD 400

Este sistema é de origem francesa e localiza qualquer tipo de aparelho com lentes, usa tecnologia laser, que varre uma determinada área. Este detecta as lentes pelo reflexo através do reflexo dos raios. Este tem um monitor video para visualizar a zona onde foi identificado a origem da lente e uma impressora, que produz uma foto do local onde foi detectado. O sistema funciona por controlo remoto ou em automático e cobre uma área pre-determinada. Quando detecta uma lente emite um sinal sonoro.

Este sistema não detecta só as lentes dos sniper pode detectar camaras térmicas.
(Manual Sniper, Fevereiro 2004, p.75)



Figura 1- SLD 400

(Fonte: <http://www.defense-update.com/images/SLD-400.jpg>)

ANEXO E – Orgânica do Pelotão Sniper em Portugal

Segundo os quadros orgânicos do exército português, existe um pelotão sniper integrado numa companhia do Batalhão de Operações Especiais.

Este pelotão está dividido em equipas, sendo que existem 4 equipas ligeiras e duas equipas pesadas. Cada equipa tem quatro elementos, ou seja duas parselhas sniper.

Nº Refª	Subunidade / Órgão	Cargo	Posto	PESSOAL			
				Quadro Especial / Área Funcional	OF	SAR	Praças
PELOTÃO SNIPER							
COMANDO							
	Comandante Adjunto do Comandante	SUBALT	AF02-IL	1			
		1SAR	QQ Arma		1		
			SOMA	1	1	0	
EQUIPA SNIPER LIGEIRA (x 4)							
	Comandante de Equipa	1SAR	QQ Arma		2		
	Comandante de Equipa	2SAR	AF02-IL		2		
	Especialista de OEsp	CABO	AF02-IL			12	
			SOMA	0	4	12	
EQUIPA SNIPER PESADA (x 2)							
	Comandante de Equipa	1SAR	QQ Arma		1		
	Comandante de Equipa	2SAR	AF02-IL		1		
	Especialista de OEsp	CABO	AF02-IL			6	
			SOMA	0	2	6	
	PELOTÃO SNIPER		Subtotal	1	7	18	

Tabela 1 – Orgânica do Pelotão Sniper
(Quadro Orgânico de pessoal - 2006)